



SIMPÓSIO  
DE ESTUDOS  
INTERDISCIPLINARES  
DA LINGUAGEM

II SINTEL - IFSP - 2021

# DISCURSO E GÊNERO

*Estudos de linguagem em perspectiva  
interdisciplinar*



**ORGANIZADORAS**

RENATA BARBOSA VICENTE  
CRISTINA LOPOMO DEFENDI



EDITORA  
**IFSP**

# DISCURSO E GÊNERO

*Estudos de Linguagem em Perspectiva  
Interdisciplinar*



2022

**ORGANIZADORAS:**

*Renata Barbosa Vicente*  
*Cristina Lopomo Defendi*

**DISCURSO E GÊNERO**

*Estudos de Linguagem em Perspectiva*  
*Interdisciplinar*



2022

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO  
PAULO

Rua Pedro Vicente, 625 – Canindé, São Paulo, SP

Cep: 01109-010

Telefone +55 (11) 3775-4502

<https://www.ifsp.edu.br>

**EDIFSP**

Editora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

**COORDENAÇÃO:**

Rubens Lacerda de Sá

**CORPO EDITORIAL:**

Profa. Dra. Cristina Lopomo Defendi (IFSP)

Prof. Dr. Iran Ferreira de Melo (UFRPE/UAEADTec-PROGEL)

Prof. Dr. Jorge Rodrigues de Souza Jr. (IFSP)

Profa. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes (USP)

Profa. Dra. Maria João Marçalo (Universidade de Évora)

Profa. Dra. Mayra Pinto (IFSP)

Prof. Dr. Natanael Duarte de Azevedo (PROGEL/UFRPE)

Prof. Dr. Paulino Soma Adriano (ISCED-Huíla e UMN, Angola)

Profa. Dra. Renata Barbosa Vicente (PROGEL/UFRPE)

Profa. Dra. Tatiana Piccardi (IFSP)

**DESIGN E DIAGRAMAÇÃO:** ESTIGE EDITORIAL LTDA

**REVISÃO:** Thamires Rodrigues Gomes

**CAPA:** Bianca Lopomo Defendi

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)**

---

D313d

BARBOSA, Renata Vicente.

Discurso e Gênero. Estudos de Linguagem em Perspectiva Interdisciplinar. / [organizadores] Renata  
Barbosa Vicente, Cristina Lopomo Defendi. – São Paulo: EDIFSP, 2022.

163 f. il. ; PDF ; 2,0 MB

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-5823-069-4

1. Discurso. 2. Gênero. I. Vicente, Renata II. Defendi, Cristina Lopomo; III. Título.

CDD 378

---

Elaborado por Natanael Benedito Amaro – Bibliotecário – CRB/8-7477



## SUMÁRIO

### APRESENTAÇÃO ► 9 ◀

▲ BORBA, Paloma.

### CAPÍTULO 1 ► 15 ◀

MARGINALIZAÇÃO IDEOLÓGICA: ESTUDANTE OU TRAFICANTE?  
UMA ANÁLISE CRÍTICA DE MANCHETES DO PORTAL G1

▲ SIQUEIRA, Rafaela Espíndola / FERREIRA JÚNIOR, José Temístocles

### CAPÍTULO 2 ► 29 ◀

THE UMBRELLA ACADEMY: LEITURA SEMIÓTICA E  
RECONSTRUÇÃO DA NARRATIVA A PARTIR DA ANÁLISE DE UMA  
CARTA DO JOGO DIXIT

▲ CRUZ, Danielle Fracaro.

### CAPÍTULO 3 ► 43 ◀

OS EMOJIS EM FUNÇÃO DÉITICA NAS CONVERSAS DE WHATSAPP

▲ RANIERI, Thaís Ludmila da Silva.

### CAPÍTULO 4 ► 58 ◀

A ESCRITA ACADÊMICA SOB UM VIÉS ENUNCIATIVO: ANÁLISE DA  
CONSTRUÇÃO DE TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO

▲ MACIEL, Jupiraci Maria Farias / FERREIRA JÚNIOR, José  
Temístocles.

### CAPÍTULO 5 ► 75 ◀

VIDAS SECAS: ANÁLISE TEXTUAL SOB A PERSPECTIVA DO  
SISTEMA DE TRANSITIVIDADE

▲ MORETI, Rosemeri / DUTRA, Vania.

**CAPÍTULO 6 ▶ 91 ◀**

OS TEMAS (TRANS)VERSAIS E SEUS (CIS)TEMAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

▲ VIEIRA, Márcie.

**CAPÍTULO 7 ▶ 105 ◀**

ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NAS NOMEAÇÕES DAS GENITÁLIAS

▲ SILVA, Vitória Laís Santos / FREITAG, Raquel Meister Ko.

**CAPÍTULO 8 ▶ 120 ◀**

SAÚDE TEM GÊNERO? O QUE DIZEM AS POLÍTICAS NACIONAIS DE SAÚDE VOLTADAS A MULHERES, HOMENS E LGBTs

▲ BROILO, Rodrigo / RODRIGUES, Heliana de Barros Conde.

**CAPÍTULO 9 ▶ 134 ◀**

“NÃO CURTO BICHINHAS”: INTERDIÇÕES ÀS MASCULINIDADES AFEMINADAS NO APLICATIVO DE RELACIONAMENTO *GRINDR*

▲ MONTEIRO, Nai.

**CAPÍTULO 10 ▶ 148 ◀**

A PROSTITUIÇÃO E SUA CONSTRUÇÃO AO LONGO DA HISTÓRIA

▲ CAVALCANTI, Roberta / KOREY, Paula / AZEVEDO, Natanael Duarte de.

## *APRESENTAÇÃO*

Realizado em junho de 2021 e, portanto, ainda sob a ameaça da pandemia do coronavírus (COVID 19), o II Simpósio de Estudos Interdisciplinares da Linguagem (SINTEL) reuniu, de forma remota, professores, estudantes e pesquisadores de diversas instituições, do Brasil e do mundo, com o propósito de discutir importantes temas e fenômenos relativos aos usos sociais da linguagem e suas repercussões no âmbito das interações humanas. Diante do cenário de insegurança e medo, provocado não apenas pela disseminação da doença, mas pelo contexto político extremamente conservador e indiferente às necessidades da população, educadores e cientistas se reuniram com a importante missão de divulgar seus trabalhos, o resultado de suas pesquisas.

Ao oferecer não apenas aos participantes do evento, mas a você, que nos lê agora, a possibilidade de refletir sobre as práticas sociais da linguagem, sobre a relação entre as mudanças sociais e a forma como nos expressamos e interagimos, os autores dos textos reunidos nesta publicação nos convidam ao diálogo, à discussão, à análise de paradigmas consolidados e à necessidade de empreendermos, no papel de cidadãos e de estudiosos e usuários da língua, a mudança social de

que precisamos. Alguns dos trabalhos inscritos no evento, materializados no formato de artigos científicos, estão reunidos nesta obra, que contempla importantes discussões relacionadas à tríade Discurso, Gênero e Sexualidade.

O caráter interdisciplinar do evento, que reuniu não apenas pesquisadores interessados em discussões no âmbito da Linguística e da Literatura, mas de áreas afins, como a Comunicação e as Ciências Sociais, está expresso em uma coletânea de trabalhos primorosos e de grande relevância nas áreas em que se inserem, os quais apresento, de forma breve a seguir:

O capítulo 1, intitulado “Marginalização ideológica: estudante ou traficante? Uma análise crítica de manchetes do Portal G1”, de autoria de Rafaela Espíndola Siqueira e José Temístocles Ferreira Júnior, propõe uma reflexão, à luz dos estudos da Análise Crítica do Discurso, sobre os usos linguísticos que constituem manchetes veiculadas pelo portal de notícias G1. O trabalho conduz o leitor à percepção de que a utilização de recursos como a seleção lexical, na construção de discursos midiáticos, pode servir para veicular ideologias, legitimar relações sociais de poder e contribuir, frequentemente, para a consolidação dos interesses da elite branca do país.

A relação entre texto e leitor, mediada pelas relações intertextuais e pelo uso de recursos semióticos diversos para a construção dos sentidos é o mote para a discussão empreendida por Danielle Fracaro Cruz, no artigo “*The Umbrella Academy*: leitura semiótica e reconstrução da narrativa a partir da análise de uma carta do jogo *Dixit*”, que compõe o segundo capítulo desta coletânea. O objeto

de investigação escolhido pela autora, uma das cartas de um jogo de tabuleiro, apresenta referências à história em quadrinhos *The Umbrella Academy*, a qual, por sua vez, foi adaptada, em formato de série, pelo serviço de *streaming Netflix*. Ao descrever e discutir o que classifica como “associações semiótico-comunicativas”, a autora chama a atenção para o fato de que as mudanças nos processos de produção e recepção de textos, na atualidade, exigem do leitor não apenas a ativação do seu repertório e conhecimento prévio para perceber as relações entre diferentes tipos de narrativas, mas também a percepção de que o processo de compreensão passa pelo reconhecimento dos papéis desempenhados por diferentes semioses na produção de sentidos.

Em consonância com as discussões empreendidas no capítulo anterior, o texto de Thais Ludmila da Silva Ranieri, “Os emojis em função dêitica nas conversas de *WhatsApp*”, chama a atenção para o fato de que as interações mediadas por aplicativos de mensagens vêm agregando uma infinidade de recursos linguísticos e discursivos a fim de viabilizar a necessidade de agilidade na comunicação, tão reivindicada na sociedade contemporânea. Trazendo para o foco da discussão o fenômeno linguístico das dêixis, a autora esclarece que esta função, que antes se restringia ao aspecto verbal da linguagem, tem sido desempenhada pelos emojis, no espaço discursivo do *WhatsApp*, de forma bastante orgânica e eficiente.

No capítulo 4, “A escrita acadêmica sob um viés enunciativo: análise da construção de trabalhos de conclusão de curso”, Jupiraci Maria Farias Maciel e José Temístocles Ferreira Júnior recorrem às

teorias de base enunciativa e aos estudos sobre letramento para analisar, a partir do processo de produção dos TCCs de estudantes de graduação da UFRPE, a inserção desses sujeitos nas práticas de letramento que constituem o universo da Academia. Os autores realizam uma apresentação cuidadosa dos dados, os quais consistem, de forma geral, na interação entre os professores e seus orientandos no contexto de produção do texto do TCC. Ao observar e analisar a forma colaborativa como ocorre esse processo, pautado pela reflexão, pelas hipóteses levantadas e pelos ajustes feitos no texto para que se chegue à melhor versão, considerando os propósitos comunicativos do contexto, os autores oferecem ao leitor a oportunidade de melhor compreender não apenas como se dá o processo de escrita de um TCC em um dado cenário acadêmico, mas também de refletir sobre a construção do letramento acadêmico em toda a sua complexidade.

Ancoradas no referencial teórico da Linguística Sistêmico-Funcional, Rosemeri Moreti e Vania Dutra, autoras do quinto capítulo, intitulado “Vidas Secas: análise textual sob a perspectiva do sistema de transitividade”, investigam o processo de construção de Fabiano, um dos personagens centrais da narrativa, a partir de sua interação com os demais personagens da trama. Recorrendo à metafunção ideacional, a qual concebe as orações como formas de representação, as autoras analisam fragmentos do texto que fazem referência a Fabiano, os quais dão conta da ação da personagem na trama, a maneira como se constitui enquanto sujeito da narrativa. O trabalho chama a atenção para a importância de o leitor estar atento às escolhas e usos que compõem a tessitura do texto a fim de que possa desenvolver um perfil crítico e autônomo em seu percurso de compreensão.

No capítulo seis, “Os temas (Trans)versais e seus (CIS)temas na Educação Básica”, Márcie Vieira se debruça sobre documentos oficiais norteadores da Educação Básica no Brasil, como os Parâmetros Curriculares Nacionais e a Base Nacional Comum Curricular, com o propósito de investigar o tratamento dado à temática da Orientação Sexual. A partir de uma criteriosa revisão bibliográfica, a autora chama a atenção para a necessidade atualização de conceitos relacionados ao tema, como gênero, identidade de gênero, sexo biológico e orientação sexual, os quais, segundo ela, vêm sofrendo apagamento nos documentos mais recentes, como reflexo do cenário político conservador e moralista no qual estamos inseridos. Vieira reforça a importância da discussão sobre a temática nas salas de aula de escolas de todo o país no intuito de que o preconceito, a intolerância e violência relacionados ao tema possam ser combatidos em prol da preservação da vida e da dignidade humana.

Na esteira da discussão da temática da sexualidade, Vitória Laís Santos Silva e Raquel Meinster Ko Freitag discutem, no artigo “Estereótipos de Gênero nas Nomeações das Genitálias”, de que forma o tabu, persistente na sociedade brasileira, relativo à sexualidade, influencia o processo de denominação/construção das formas linguísticas relacionadas às genitálias humanas. A partir de uma busca no Dicionário inFormal, as pesquisadoras encontraram registros, relativos aos verbetes “pênis” e “vagina”, que revelam a influência de convenções histórica e culturalmente atreladas ao masculino e ao feminino e estereótipos de gênero nesse processo de construção linguística. O sexismo presente neste campo semântico revela, entre

outras questões, as condições de dominação masculina e de submissão feminina ainda presente no âmbito das relações sociais.

No capítulo oito, intitulado “Saúde tem gênero? O que dizem as Políticas Nacionais de Saúde voltadas a Mulheres, Homens e LGBTs”, Rodrigo Broilo e Heliana de Barros Conde Rodrigues propõem uma atualização do conceito de saúde a fim de que seja contemplada a perspectiva não apenas do tratamento, mas da prevenção de doenças não apenas em sua dimensão biológica, mas psicossocial. A partir da análise de documentos voltados às políticas públicas direcionadas a três grupos de beneficiários: mulheres, homens e população LGBT, a investigação apresentada neste trabalho destaca a importância de questionarmos a naturalização da visão binária, heteronormativa, excludente subjacente às políticas públicas para o nosso Sistema único de Saúde contemple as diversas realidades e necessidades de todos os seus usuários.

No nono capítulo, cujo título é “Não curto bichinhas’: interdições às masculinidades afeminadas no aplicativo de relacionamento *Grindr*”, Nai Monteiro apresenta os resultados de sua pesquisa, de cunho etnográfico e qualitativo, voltada para a análise das masculinidades dissidentes expressas em discursos que compõem as descrições de perfis e interações entre usuários de um aplicativo de relacionamentos. A referida investigação revela uma tentativa de manutenção, entre os usuários, de uma noção masculinidade forjada sob a égide da heteronormatividade. Os conflitos provocados pelo processo de subalternização de gays afeminados, percebidos a partir da análise dos dados, revelam a verticalização de gênero e a

expectativa de performances que se enquadrem no modelo socialmente aceito entre a comunidade que faz uso do aplicativo.

Por fim, no décimo e último capítulo, “A prostituição e sua construção ao longo da história”, Roberta Cavalcanti, Paula Korey e Natanael Duarte de Azevedo conduzem o leitor em uma retrospectiva histórica que visa recuperar dados sobre a prostituição, desde a Antiguidade até os dias atuais, a fim de que, através desse percurso, possamos compreender a formação de preconceitos e de estereótipos relativos tanto ao exercício da profissão quanto à regulação da sexualidade das mulheres, as quais são socialmente submetidas à aplicação de rótulos relacionados à virtude ou ao vício. Para os autores, ao discutirmos a forma como a prostituição é entendida na sociedade, temos a oportunidade de repensar as desigualdades de poder para, a partir disso, enxergarmos essas trabalhadoras de forma menos velada, preconceituosa e moralista.

Os capítulos que integram esta obra revelam, por um lado, as dificuldades, os conflitos que envolvem não apenas a constituição dos discursos e os usos linguísticos nas relações sociais, mas o fazer científico no Brasil; por outro lado, a leitura desses textos, resultado de trabalhos sérios e comprometidos de pesquisa, nos dá condições de replicar esses discursos, de iniciar ou dar continuidade a diálogos necessários e, assim, atuar como agentes de mudança e de transformação social. Boa leitura!

**Paloma Borba.**

**Recife, 21/01/2022**



# MARGINALIZAÇÃO IDEOLÓGICA: ESTUDANTE OU TRAFICANTE? UMA ANÁLISE CRÍTICA DE MANCHETES DO PORTAL G1

SIQUEIRA, Rafaela Espíndola  
Mestranda<sup>1</sup> em Estudos da Linguagem – UFRPE  
adiosrafaela@gmail.com

FERREIRA JÚNIOR, José Temístocles  
Doutor em linguística – UFPB  
josetemistocles@yahoo.com.br

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo geral analisar os usos hegemônicos do discurso racista em reportagens publicadas entre maio e agosto de 2020 no Portal G1, e como estes funcionam enquanto um sistema de abuso de poder. O foco desta pesquisa concentra-se na análise das seguintes manchetes veiculadas no portal de notícia do G1 (*site*): “Estudante de direito é preso por tráfico de drogas em Floresta, diz polícia, com ele foram encontrados 34 kg de maconha” publicada em 01 de maio de 2020; “Polícia Civil prende dois suspeitos de fazer 'delivery' de drogas em Copacabana”, publicada em 01 de agosto de 2020, e “Após denúncia, traficante é preso com drogas e R\$ 2 mil em

---

1 O Corpo Editorial optou por manter a forma “Mestranda” escolhida pela autora, em vez da forma “Mestranda”, prevista no Discurso Acadêmico.

dinheiro na zona rural de Lajinha”, publicada em 10 de agosto de 2020. Com as discussões desta pesquisa, evidenciamos que tais manchetes se encaixam nos critérios de análise do discurso racista discutidos por Dijk (1991, 1993): “estilo léxico”; “estilo discursivo” e “estratégias argumentativas” e, com isso, concluímos que estratégias ideológicas racistas no discurso midiático funcionam como uma das engrenagens de dominação da elite branca como detentora do poder da informação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mídia; Manchete; Ideologia; Hegemonia; Racismo.

**ABSTRACT:** The present work aims to analyze the hegemonic uses of racist discourse in news published between May and August 2020 on Portal G1, and how these work as a system of abuse of power. Therefore, this research focuses on the analysis of headlines published on the G1 news portal (site) the titles are: “Law student arrested for drug trafficking in Floresta, says police, we has found with 34 kg of marijuana” published on May 1st, 2020; “Civil Police arrest two suspects of drug delivery in Copacabana”, published on August 1st, 2020, and, respectively, “After accusation, a trafficker is arrested with drugs and R\$ 2,000 in cash in the rural area of “Lajinha”, published on August 10th, 2020. We discuss that such titles fit the criteria of analysis of racist discourse discussed by Dijk (1991, 1993): “lexical style”; “discursive style” and “argumentative strategies” we concluded that racist ideological strategies in the media discourse work as one of the domination gears of the white elite as holders of the information power.

**KEYWORDS:** Media; Headline; Ideology; Hegemony; Racism.

## ***INTRODUÇÃO***

Tendo em vista o abrangente nível de poder que a mídia possui como embasamento da opinião social, este artigo tem

como objetivo geral analisar os usos hegemônicos de discursos racistas em reportagens do Portal G1 e como estes funcionam enquanto um sistema de abuso de poder.

Como *corpus*, foram escolhidas três manchetes do portal G1, publicadas entre maio e agosto de 2020. A partir da escolha das manchetes, este estudo buscou responder à seguinte indagação: Quais estratégias utilizadas pelo discurso midiático que se configuram como racismo e como este funciona enquanto um sistema de abuso de poder? Para responder à questão, este artigo baseou-se nas discussões de Dijk (1991, 1993, 1997, 2005), Fairclough (2001) e Thompson (1995), a fim de elucidar os mecanismos teóricos e metodológicos da Análise Crítica do Discurso que contribuem para a análise da reprodução de discursos racistas na sociedade através da mídia.

Esta pesquisa justifica-se pela percepção da necessidade de se analisar discursos que atestam desigualdade social e racismo ao conferir um status de marginalização a indivíduos, através de escolhas ideológicas e hegemônicas presentes nas manchetes, que contribuem para manter uma relação de dominação de uma determinada classe social: a elite branca.

## ***1 IDEOLOGIA, DOMINAÇÃO E ABUSO DE PODER: UM APANHADO TEÓRICO***

Tendo surgido na França, no século 18, o conceito de ideologia para Thompson (1990) busca explicar como os significados são construídos e reproduzidos através de formas simbólicas.

Sobre as relações de poder no discurso, Fairclough (2001) retoma o conceito de hegemonia de Gramsci (1971) e o caracteriza como um tipo de domínio de um grupo em detrimento de outro. O autor ainda explana que o poder dominante é legitimado a partir da ideologia hegemônica, ou seja, através da propagação de crenças e valores que se tornam naturalizados a ponto de torná-los parte de um senso comum (FAIRCLOUGH, 2001), já que “a busca pela hegemonia é a busca pela universalização de perspectivas particulares” (RESENDE; RAMALHO, 2016, p. 48).

Por sua vez, para Dijk (1993), ideologias são representações da sociedade que conceituam a identidade de um grupo, como suas crenças e modos de existência. Dessa forma, sua função é coordenar crenças socialmente compartilhadas. Como exemplo disto, o autor cita que uma ideologia racista pode controlar crenças sobre toda a cultura negra. Assim sendo, a ideologia não será um mero apanhado

de crenças, mas sim, referências simbólicas em que crenças estão vinculadas.

## ***1.2 RACISMO E MÍDIA: COMUNICAÇÃO DA MASSA***

Segundo Dijk (1997), é possível que, excluindo a comunicação cotidiana, não exista nenhuma outra prática discursiva tão efetiva e que se pratica com tanta frequência como o segmento de notícias impressas e televisivas.

Thompson (1995) explana que, nos dias atuais, as experiências humanas estão sendo cada vez mais mediadas por sistemas de transmissão simbólica e que, com isso, cresce cada vez mais o número de sistemas responsáveis pela difusão da informação em larga escala, o que é denominado pelo autor como *comunicação da massa*.

A comunicação da massa é responsável por exercer influência sobre o senso comum e as relações sociais, sendo então, segundo Thompson (1995), um dos meios mais importantes para a operação da ideologia na sociedade moderna, já que, como citado anteriormente, é proveniente da ideologia a mobilização de sentidos que serve a um poder dominante, neste caso, o poder da manipulação da informação.

Sobre a dominação, Dijk (1991) alerta que grupos apenas podem manter-se dominantes se possuírem recursos para tal, e a partir disso o autor faz uma relação entre a dominação e a elite branca, em que defende que esta dispõe dos meios de comunicação de massa e de outros meios de reprodução do sistema social, como a cultura e a educação, e por esse motivo torna-se reprodutora do sistema de dominação.

É baseado nesse pressuposto de que o racismo se manifesta no discurso e na comunicação que Dijk (1993, p.13) defende que “as cognições sociais que subjazem essas práticas são fortemente formadas por meio da comunicação discursiva no interior de grupos dominantes”, já que no estudo acerca de práticas racistas, o discurso representa um elo entre o nível micro e o nível macro, sendo então o racismo uma engrenagem do sistema de dominação de um grupo (mídia/elite branca) sobre outro (negros/pobres/favelados); dessa forma, não é constituído por atitudes individuais, mas sustenta um sistema de poder.

## ***2 CATEGORIAS DE ANÁLISE***

Nesta seção, fundamentamos nossas análises à luz dos estudos de Dijk (1993) acerca dos elementos textuais do

discurso racista. Dijk (1993) explica que um dos aspectos importantes para a análise do discurso racista na mídia é a coerência, que pode ser local ou global.

A coerência global, foco desta pesquisa, se apresenta nos textos por meio de tópicos que definem sobre o que trata os textos, ou seja, a informação mais lembrada. A escolha de expressões específicas em manchetes e subtítulos de reportagens é o que permite um certo nível de manipulação, já que determinados tópicos são escolhidos por serem ‘mais interessantes’, quando na realidade apenas refletem os padrões de acesso à produção da mídia, que é predominantemente branca, como defende Dijk (1993). Nesta pesquisa, como foco, analisaremos apenas as manchetes (título da reportagem), por serem o elemento prioritário na organização do discurso jornalístico.

Dijk (1991, 1993) traz em seus estudos o que considera ser expressões fundamentais ao se analisar o discurso racista na mídia. Estas são: o estilo léxico, que diz respeito à escolha de termos em detrimento de outros termos que possuem significado ideológicos; estilo discursivo, que fica claro na implicação ou explicitação do sujeito da ação, o que atribui, ou não, responsabilidade e, por fim, a estratégia de *face-*

*keeping*, que é a representação de uma imagem positiva de si e representação negativa do outro.

Portanto, com base nas categorias de estilo léxico, estilo discursivo e *face-keeping* propostas por Dijk (1991), verificamos agora como cada uma das categorias de análises elucidadas acima funcionam na prática.

### **3 A TEORIA NA PRÁTICA: ANÁLISES**

Para iniciarmos a análise da manchete número 1, intitulada: “Estudante de direito é preso por tráfico de drogas em Floresta, diz polícia, com ele foram encontrados 34 kg de maconha”, há considerações que devemos fazer acerca da apreensão de drogas no Brasil.

Na lei brasileira não existe uma especificação da quantidade de drogas que configuram tráfico ou porte para consumo pessoal, sendo também importante citar que, apesar disso, tanto o tráfico quanto o porte são declaradamente ilegais segundo a lei brasileira. Cada um dos crimes tem uma pena diferente: a pena para porte de drogas pode ser mais branda que a pena para tráfico, segundo o artigo 28, § 2º, da lei 11.343/2006 (BRASIL, 2006). Dessa forma, o que

caracterizaria uso e o que caracterizaria tráfico se na lei não há uma especificação?

Isto posto, o que podemos analisar nesta primeira manchete é que há uma estratégia de representação positiva do sujeito, quando para caracterizá-lo é escolhido o substantivo *estudante*, mesmo a manchete evidenciando que a quantidade de droga encontrada com o estudante é exorbitante, mais especificamente 34 kg de maconha, o que já poderia caracterizar o ato como tráfico e, conseqüentemente, o enquadramento do indivíduo como “traficante”.

Mesmo a manchete trazendo a informação de que o sujeito foi preso pelo ato de tráfico, a busca da sua representação positiva é uma clara estratégia de coerência global, segundo os estudos de Dijk (1993) já explanados na seção 3, já que essa representação positiva do substantivo *estudante* é colocada em foco no texto, sendo a primeira palavra a ser evidenciada, como uma estratégia ideológica de apagamento do ato de ser preso por tráfico. Isso evidencia também uma estratégia de *face-keeping*, que usa representação de uma imagem positiva do sujeito a fim de protegê-lo: não um traficante, mas, sim, um estudante de direito que traficava.

Na manchete número dois, intitulada: “Polícia Civil prende dois suspeitos de fazer 'delivery' de drogas em Copacabana”, diferentemente da manchete anterior, podemos analisar que não há uma estratégia de representação positiva clara dos sujeitos, já que estes são caracterizados apenas como ‘suspeitos’. Mesmo assim, também não há representação totalmente negativa, já que, segundo o seu significado, suspeito é alguém “de cuja existência, exatidão ou legitimidade não se tem certeza”<sup>2</sup>.

O mais interessante a se observar nesta manchete é a escolha do termo “delivery” para caracterizar o ato de vender drogas. Esta escolha léxica traz à tona um processo ideológico que está intrinsecamente ligado ao lugar onde se faz esse ‘delivery’, como a própria manchete exemplifica, o bairro de ‘Copacabana’, que é zona sul da cidade do Rio de Janeiro, conhecida por abrigar pessoas de classe média alta.

Contrariando as manchetes anteriores, a número três intitulada: “Após denúncia, traficante é preso com drogas e R\$ 2 mil em dinheiro na zona rural de Lajinha” podemos perceber logo de início que a estratégia de coerência global

---

2 Segundo definição trazida pelo Google. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=suspeito+dicion%C3%A1rio&aq=chrome.69i57.6568j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em: 12 out. 2020.

evidencia o termo *traficante* a fim de criar uma representação negativa do sujeito. Este não é um estudante, não é suspeito de fazer delivery, é apenas e claramente um traficante da zona rural.

Correlacionando à manchete número dois, nesta também há uma evidência geográfica de onde o tráfico acontecia: a zona rural, que geralmente é onde moram pessoas de classe sociais menos elevadas e que vivem dos trabalhos advindos da prática agropecuária.

#### 4 RESULTADOS

Após o momento de discussão teórica, apresentamos abaixo uma tabela que elucida os critérios do discurso racista na mídia segundo Dijk (1991, 1993) e encontrados nas manchetes analisadas.

**Quadro 2:** Resultados

	<b>Estilo léxico</b>	<b>Estilo discursivo</b>	<b>Estratégias argumentativas</b>
<b>Manchete 1:</b> <i>Estudante de direito é preso por tráfico de drogas em Floresta, diz polícia; com</i>	Estudante – escolha de um termo em detrimento de outro (suspeito, traficante)	De direito – representação positiva do sujeito.	Estudante de direito – <i>face-keeping</i> (estratégia de proteção).

<i>ele foram encontrados 34 kg de maconha”</i>			
<b>Manchete 2:</b> <i>“Polícia Civil prende dois suspeitos de fazer ‘delivery’ de drogas em Copacabana”</i>	Delivery – escolha de um termo em detrimento de outro (tráfico).	Copacabana – representação positiva de classe média.	Suspeitos – <i>face-keeping</i> (estratégia de proteção).
<b>Manchete 3:</b> <i>“Após denúncia, traficante é preso com drogas e R\$ 2 mil em dinheiro na zona rural de Lajinha”</i>	Traficante – escolha de um termo em detrimento de outro (jovem, estudante, homem, suspeito)	Traficante – representação negativa do sujeito. Zona rural – representação de classe baixa.	Não há estratégias de proteção.

Fonte: elaborado pela autora.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As discussões acima demonstram que uma análise dos mecanismos linguísticos e das estratégias argumentativas é capaz de evidenciar uma relação de poder do grupo de elite branca (estudante, suspeito de delivery), que é, em sua maioria, detentora do poder da informação e da escolha de coerência global no discurso midiático, em detrimento do grupo menos favorecido, que no caso destas análises, pode ser relacionado ao pobre/preto/favelado.

Isto posto, fica claro que respondemos à questão de pesquisa norteadora deste trabalho “Quais as estratégias utilizadas pelo discurso midiático que configuram racismo e como este funciona enquanto um sistema de abuso de poder?” quando, baseados nos estudos de Dijk (1991, 1993), evidenciamos as categorias de análise “estilo léxico”; “estilo discursivo” e “estratégias argumentativas” e, com isso, concluir que estratégias ideológicas racistas agem como uma engrenagem de dominação da elite branca, já que esta é detentora do poder da informação.

## ***REFERÊNCIAS***

BRASIL. **Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2006/Lei/L11343.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11343.htm). Acesso em: 12 out. 2020.

DIJK, T. A. **Racism and the press**. University of Glasgow: Glasgow, 1991.

DIJK, T. A. **Elite Discourse and Racism**. Newbury Park: Sage, 1993.

DIJK, T. A. **Racismo y análisis crítico de los medios**. Barcelona: Paidós, 1997.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

**PORTAL G1. Após denúncia, traficante é preso com drogas e R\$ 2 mil em dinheiro na zona rural de Lajinha.** 2020a. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/vales-mg/noticia/2020/08/10/apos-denuncia-trafficante-e-preso-com-drogas-e-r-2-mil-em-dinheiro-na-zona-rural-de-lajinha.ghtml>. Acesso em: 27 ago. 2020.

**PORTAL G1. Estudante de direito é preso por tráfico de drogas em Floresta, diz polícia; com ele foram encontrados 34 kg de maconha.** 2020b. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2020/05/01/estudante-de-direito-e-detido-com-34-kg-de-maconha-e-tres-radio-comunicadores-em-floresta.ghtml> Acesso em: 27 ago. 2020.

**PORTAL G1. Polícia Civil prende dois suspeitos de fazer 'delivery' de drogas em Copacabana.** 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/08/01/policia-civil-prende-dois-suspeitos-de-fazer-delivery-de-drogas-em-copacabana.ghtml>. Acesso em: 27 ago. 2020.

**THOMPSON, J. B. Ideologia e cultura moderna.** Petrópolis: Vozes, 1995.

## CAPÍTULO 2

### ***THE UMBRELLA ACADEMY:* LEITURA SEMIÓTICA E RECONSTRUÇÃO DA NARRATIVA A PARTIR DA ANÁLISE DE UMA CARTA DO JOGO *DIXIT***

CRUZ, Danielle Fracaro  
Centro Universitário Internacional Uninter  
danielle.cr@uninter.com

**RESUMO:** É por meio da leitura que podem ser associadas as mais variadas possibilidades de interações entre imagens, resultando em construção narrativa. A leitura e a interpretação de um texto literário não estão apenas atreladas à decodificação verbal ou de uma imagem, mas ao papel que o leitor deve desempenhar como um fruidor, atribuindo sentido e significado ao que vê, ou seja, ao que lê. Com isso, a leitura do texto imagético reflete não apenas o que o leitor vê, como um mero observador, mas ao reconhecimento. Além disso, é imprescindível destacar o processo identitário como atributo para angariar sentido às experiências do receptor. Assim, este trabalho tem o intuito de apresentar as relações intertextuais de uma das cartas do jogo *Dixit*, a qual remete à história em quadrinhos *The Umbrella Academy*, que se pode também fazer alusão à série da Netflix. No caso específico da imagem da carta e dos textos, busca-se apresentar as interações entre o sujeito e o texto e entre os jogadores possibilitando assim atingir as várias redes de significado, por meio da intertextualidade, o que resulta em construções de significado semelhantes, mesmo que analisados com utilização de outros meios

semióticos. Dessa forma, a pesquisa se fundamenta nas contribuições de teóricos que abordam os aspectos relacionados ao leitor e leitura de imagem (ECO, 1994; MANGUEL, 2006; SAIMAN, 2012) e também ao processo de transferência de significado (BAKTIN, 2010; GENETTE, 2006 E KRISTEVA, 2005).

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura; Intertextualidade; *Dixit*.

**ABSTRACT:** It is through reading that the most varied possibilities of interactions between images can be associated, achieving a narrative construction. The reading and interpretation of a literary text is not only linked to the verbal decoding or an image, but to the role that the reader must develop as a user, assigning the meaning to what he sees, whether or what he reads. With this, the reading of the imagery text reflects not only what the reader sees, as an observer, but recognition. In addition, it is essential to highlight the identity process as an attribute to make sense of the recipient's experiences. Thus, this work aims to present the intertextual relationships of one of the cards in the *Dixit* game, which refers to the comic strip *The Umbrella Academy*, which can also be referred to the Netflix series. In the specific case card's picture and the texts, the aim is to present the interactions between the subject and the text and between the players, thus making it possible to reach the different meanings, through intertextuality, resulting in similar constructions, even if analyzed using other semiotic means. Thus, the research is based on the contribution of theorists who address aspects related to the reader and image reading (Umberto Eco, Alberto Manguel and Etienne Samain) and also to the process of meaning transfer (Mikhail Bakhtin, Gérard Genette and Julia Kristeva).

**KEYWORDS:** Reading; Intertextuality; *Dixit*.

## **INTRODUÇÃO**

O texto, seja ele verbal ou imagético, apresenta várias vozes, permitindo que os seus leitores façam diversas

interpretações. Com isso, a intertextualidade é um fator relevante para a compreensão da leitura e, principalmente, a leitura de imagens, construindo e ressignificando narrativas variadas. É assim que se estabelece uma relação a partir da interpretação e conhecimento do leitor, desencadeando a construção da narrativa. Essa é a ação que podemos observar na leitura das cartas do jogo Dixit<sup>3</sup>.

A leitura da imagem não se restringe apenas ao que é visto, mas ao que é lido e reconhecido como uma forma de associação e transferência de significados. É a partir desse reconhecimento e associação que o leitor pode sempre atribuir significados semelhantes a outros textos, de diferentes construções semióticas. O diálogo teórico fundamenta-se na perspectiva de compreender o papel do leitor no processo de leitura de imagens, reconhecer o processo de transferência de significados e analisar, por meio de leituras das cartas do jogo Dixit, os conhecimentos que podem ser

---

<sup>3</sup> Idealizado por Jean-Louis Roubira, terapeuta e psiquiatra infantil, Dixit em latim quer dizer “o que foi dito”, associando-se, dessa forma, ao que é narrado, a partir da leitura das imagens representadas nas cartas, etapa feita por todos os jogadores, narradores ou não. Dixit é um jogo de tabuleiro com cartas, fabricado pela Asmodee e distribuído pela Editora Galápagos. Com uma dinâmica que aposta na imaginação e, principalmente, na capacidade de comunicação entre os jogadores, o jogo é constituído de cartas, que apresentam ilustrações diferenciadas, desafiando a criatividade dos jogadores e resultando em muitas surpresas.

ativados para compreender a relação recíproca entre a imagem e o texto verbal.

## ***1 ASSOCIAÇÕES SEMIÓTICO-COMUNICATIVAS***

As imagens das cartas do jogo *Dixit* são textos visuais que apresentam associações com outros textos, até com textos verbais. Ao ler um romance, o leitor também estabelece associações com uma pintura, uma obra de arte, por exemplo. É a partir disso que entende-se que os significados são conferidos pelos leitores, seja por meio de um código ou recursos interpretativos. Para que haja sentido na leitura das cartas, o processo de interpretação está atrelado ao significado e à sua transferência. Isso ocorre, por meio da transposição intersemiótica, ou seja, quando acontece a construção de sentido a partir de significados que são semelhantes, a partir de um signo ou sistema semiótico distinto (CLÜVER, 2006).

Sabe-se que para que a habilidade leitora seja aprimorada, é essencial que sejam reconhecidas as experiências que são vivenciadas pelo leitor. Desta forma, Umberto Eco (1994) aponta que há um leitor para toda narrativa, o que interfere de modo significativo na perspectiva de interpretação e no processo de contar histórias. São essas experiências que despertam o interesse do leitor a desenvolver a sua visão de mundo, de modo a fazer-se situar nele também. E, com isso, as leituras diferentes revelam

vivências distintas, as quais são evidenciadas pelo repertório do leitor. Desta forma, é perceptível que as associações que são estabelecidas a partir da leitura das cartas do jogo *Dixit* são frutos da interpretação e reconhecimento do leitor.

## **2 THE UMBRELLA ACADEMY: LEITURA SEMIÓTICA**

O texto imagético a seguir foi associado à personagem Vanya, da história em quadrinhos denominada *The Umbrella Academy* (2009), escrita por Gerard Way e ilustrada por Gabriel Bá.

**Figura 1:** Carta do jogo Dixit.



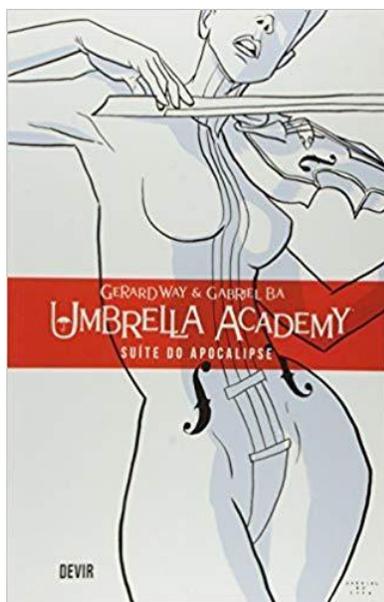
**Fonte:** GALÁPAGOS, 2019.

A HQ conta a história de Sir Reginald Hargreeves, que adotou sete crianças e cada uma delas tinha habilidades especiais. Mesmo que cada uma tivesse seu nome, elas eram chamadas pelo número que as representava, seguindo o critério da ordem de adoção. Vanya era a número 7. No decorrer da história, os poderes dos irmãos são visíveis, mas o dela não, e é

isso que deixa o leitor instigado e curioso, tentando descobrir por que a menina faz parte daquela família.

Na narrativa, a personagem começa a descobrir quais são seus poderes, e percebe que são maiores que os de seus irmãos. As imagens a seguir representam as ilustrações da HQ: na figura 2, Vanya é representada na capa da história; e, na figura 3, representa-se uma das cenas da história.

**Figura 2:** Capa de *The Umbrella Academy: suite do apocalypse*.



Fonte: WAY, 2009.

**Figura 3:** *The Umbrella Academy: suite do apocalypse*.



Fonte: WAY, 2009.

Seu nome de heroína é *The white violin*, por ter uma grande habilidade musical. Essa habilidade pode ser entendida como o poder de si mesma. Por mais que a imagem da carta não represente um violino, a representação do violoncelo como constituinte do corpo da menina faz com que se percebam certas semelhanças evidentes. A história em quadrinhos foi adaptada pela Netflix, no formato de série, e essa assimilação fica ainda mais patente na tela, evidenciando a grande importância do instrumento musical para a sua vida, como uma forma de representação da sua própria existência. A próxima imagem representa a personagem Vanya da série da Netflix (Fig.4).

**Figura 4:** A personagem Vanya representada na série da Netflix.



**Fonte:** NETFLIX, 2019

### ***3 ASPECTOS INTERTEXTUAIS***

Nas cartas destacadas, como exemplos de leitura e de relação de um texto com outro, pode-se identificar os aspectos intertextuais propostos por Kristeva (2005) e Genette (2006). Ou seja, é perceptível que as imagens nas cartas do jogo sugerem representações de mídias diferentes. Isso foi demonstrado na leitura da carta em que a imagem representa um violoncelo, mas, além dessa, as demais apresentam diferentes tipos de mídias como possíveis pontos de partida

para a criação das cartas do jogo. Dessa forma, diversos textos foram transformados, resultando nas cartas de *Dixit*, uma vez que “há sempre processos intertextuais em um componente intermediático” (CLÜVER, 2006, p. 14).

Esse procedimento transformacional implica as inter-relações e interações de diferentes mídias, ou seja, a combinação de signos, caracterizada a partir de uma “transmissão como um processo dinâmico e interativo que envolve a produção e a recepção de signos por seres humanos como emissores e receptores” (CLÜVER, 2011, p.9). Nesse contexto, também se destaca o texto efrástico, ou seja, a transposição, que pode ser entendida como uma recriação da imagem por meio de signos verbais. Sendo assim, surge mais uma opção de leitura (por meio de uma narrativa verbal), quando o jogador apresenta a carta escolhida.

Assim, ao percorrer e explorar o texto, o sujeito identifica características de outros textos, que serviram de fontes para as associações propostas, na interpretação do leitor. Essas comparações, no entanto, não significam que o texto-fonte será substituído, mas evidencia-se o reconhecimento das diferenças midiáticas, por meio das relações estabelecidas.

Nos textos imagéticos destacados até aqui, é possível entender essa relação entre mídias como forma de recriação, na

qual percebe-se que a carta representada na figura 1 retoma uma história em quadrinhos, que, por sua vez, também é o texto-fonte para uma transformação intersemiótica, a série de TV.

Esse reconhecimento de outras mídias depende da interpretação do texto visual, que, conseqüentemente, depende de contextos, convenções e práticas culturais. É, na verdade, uma construção cultural, resultante das diversas circunstâncias históricas e ideológicas (CLÜVER, 2011). A respeito disso, Clüver retoma conceitos sobre a Teoria da Recepção, propondo uma reflexão sobre o repertório utilizado para a interpretação textual:

As comunidades interpretativas, que determinam e autorizam quais códigos e convenções nós ativamos na interpretação textual, influenciam também o repertório textual e o horizonte de expectativa. Mas o repertório é, em última análise, parte dos contextos culturais nos quais se realizam a produção e a recepção textual. (CLÜVER, 2006, p.15)

Uma vez que se espera do leitor uma participação ao desenvolver a habilidade leitora, a recepção é, de certa forma, a constituição de um texto. É possível que dois leitores leiam de forma análoga uma mesma imagem? Certamente, cabe ao leitor uma tarefa que é performativa ou ainda manipulativa,

de modo a perceber como se caracterizam as leituras feitas por leitores diferentes. No percurso de reconhecimento dessa relação entre mídias, observar as formas e funções do novo texto faz com que seja indagado como a intermedialidade também influencia na recepção do texto-base.

Aqui, na carta analisada, bem como na relação com os demais textos, a leitura se destaca a partir de um texto específico: o texto imagético. Com isso, Etienne Samain afirma que o leitor, além de apresentar um papel relevante no processo de leitura, a partir do texto não-verbal retoma outros textos, de modo a fazer com que o leitor reflita, propagando o seu pensamento (SAMAIN, 2012). A autora destaca que “as imagens gostam de caçar na escuridão de nossas memórias” (SAMAIN, 2012, p. 21), o que faz com que a representação de um determinado objeto retome a memória, com possíveis recordações a partir de quem o lê, o observa representado por uma imagem.

Ainda na perspectiva de reconhecer o leitor e seu papel no processo de leitura a partir da Teoria da Recepção, Bakhtin (2010) apresenta que o autor, o leitor e personagens de uma obra literária são multidiscursivos e resistentes à unificação. Assim, o leitor é colocado mais do que como um receptor, passando a figurar como um interlocutor que tem o direito de

fazer suas inferências e reflexões a partir de suas leituras e construções (BAKHTIN, 2010).

### ***CONSIDERAÇÕES FINAIS***

O processo da leitura literária é considerado um mecanismo que envolve fatores artísticos, despertando assim a sensibilidade que pode ser transformada em significados diferenciados a partir das experiências dos sujeitos. O jogo de tabuleiro ou cartas é um outro recurso que favorece a construção do conhecimento, além de desenvolver a interação, a partir das trocas e leituras variadas.

A análise imagética das cartas do jogo consiste na observação e comparação a partir de experiências e interações que o leitor possa estabelecer a partir das ilustrações dessas cartas. Para isso, é necessário ter em vista o repertório do leitor, a leitura, interpretação, alteridade e identidade. É a partir do reconhecimento que o leitor consegue estabelecer relações com outros textos, neste caso específico com a história em quadrinhos, que por sua vez já faz parte do processo de adaptação e reconstituição interpretativa como uma série de TV.

## **REFERÊNCIAS**

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética**. A teoria do romance. São Paulo: Annablume, 2010.

CLÜVER, C. Intermidialidade. **PÓS: Revista do Programa de pós-graduação em artes da EBA/UFMG**, v.1, n.2, p.8-23, nov. 2011.

CLÜVER, C. Da transposição intersemiótica. In: ARBEX, Márcia (Org.) **Poéticas do visível: ensaios sobre a escrita e a imagem**. Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 107-166.

ECO, U. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

GALÁPAGOS. **Dixit**. Disponível em: <https://www.galapagosjogos.com.br/jogo-de-tabuleiro-dixit/produto/DIX001>. Acesso em: 9 jun. 2019.

GENETTE, G. **Palimpsesto: a literatura de segunda mão**. Tradução por Luciene Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho. Minas Gerais: FALE/UFMG, 2006.

KRISTEVA, J. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SAMAIN, E. As imagens não são bolas de sinuca. Como pensam as imagens. In: \_\_\_\_\_. (Org.) **Como pensam as imagens**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012, p. 21-40.

**THE UMBRELLA ACADEMY**. Direção: Steve Blackman. EUA, 2019. Steve Blackman, Mike Richardson, Keith Goldberg e Gerard Way; Netflix (1 temporada).

## *CAPÍTULO 3*

# OS EMOJIS EM FUNÇÃO DÊITICA NAS CONVERSAS DE WHATSAPP

RANIERI, Thaís Ludmila da Silva  
Departamento de Educação – Universidade Federal Rural de  
Pernambuco  
thaisranieri@yahoo.com.br

**RESUMO:** As conversas pelo aplicativo *WhatsApp* apresentam características de textos orais e escritos e são compostas pelas articulações dos recursos semióticos, próprios da fala e da escrita, bem como de recursos específicos de interações *online*, como os *emojis*. Algumas pesquisas vêm apontando para o fato de que as interações, especialmente em aplicativos de mensagens, estão reformulando os aspectos linguísticos e discursivos (RANIERI; SILVA, 2019; RANIERI; GOIS, 2020), além de apontar para o fato de que os recursos semióticos usados nas interações apresentam usos e sentidos parecidos com os verbais. Para este trabalho, chama a atenção o uso dos *emojis* na função dêitica nas conversas pelo aplicativo *WhatsApp*. Segundo Cavalcante (2013), os dêiticos são expressões linguísticas que ganham sentido devido ao contexto de produção das interações. Partindo desse entendimento, percebe-se que os *emojis* ganham função dêitica nas interações por *WhatsApp*. Para tratar dessa condição, partimos de prints de conversas obtidos através de conversas privadas e em grupo de *WhatsApp*. Os resultados apontam para usos dos *emojis* como dêiticos pessoais, dêiticos de lugar e dêiticos discursivos.

**PALAVRAS-CHAVE:** *emojis*; dêixis; *WhatsApp*.

**ABSTRACT:** Conversations on WhatsApp present characteristics of oral and written texts and are composed by articulations of semiotic resources, typical of speech and writing, as well as specific resources for online interactions, such as emojis. Some researches have pointed to the fact that interactions, especially in message applications, are reformulating linguistic and discursive aspects (RANIERI; SILVA, 2019; RANIERI; GOIS, 2020), in addition to pointing to the fact that semiotic resources used in interactions have uses and meanings similar to the verbal ones. For this work, the use of emojis in the deictic function in conversations in WhatsApp application is noteworthy. According to Cavalcante (2013), deictics are linguistic expressions that gain meaning due to the context of production of interactions. Based on this understanding, it is clear that emojis gain a deictic function in WhatsApp interactions. To address this condition, we started with screenshots of conversations obtained in private and group WhatsApp conversations. The results point to uses of emojis as personal deictics, place deictics and discursive deictics.

**KEYWORDS:** emojis; dêixis; *WhatsApp*.

## **INTRODUÇÃO**

Apresentamos a presente discussão que se desenvolverá neste trabalho: como os *emojis* se comportam nas interações por *WhatsApp* ao serem usados como expressões referenciais dêíticas? Para atender a este objetivo, iniciamos com uma discussão em torno do conceito de texto e das interações no *WhatsApp* na seção *Texto e Interações no WhatsApp*. Em seguida, com a seção *Dêixis: algumas considerações*, apresentamos o papel das expressões dêíticas no estudo das línguas naturais.

Seguimos com a seção *Os emojis como dêiticos*, destinada à análise de fragmentos de conversa de *WhatsApp* que foram printadas e que buscam mostrar os *emojis* em função dêitica. Por fim, temos as *Considerações Finais* e as *Referências*.

## ***1 TEXTO E INTERAÇÕES NO WHATSAPP***

Aqui adotamos o texto como um elemento multimodal em que as diversas semioses emergem, para uma atuação em conjunto na produção de sentidos e que a superfície textual não é constituída apenas por elementos linguísticos (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, 2010). Para Sindoni (2013), os textos podem ser falados, escritos e virtuais. A autora argumenta que em todas as realizações da unidade textual, independentemente de sua materialidade, há uma articulação das demais semioses em prol da construção de sentido. Ou seja, independentemente da realização material da unidade textual, os recursos semióticos emergem nas interações. O que a autora aponta é para a existência de níveis de usos de recursos multimodais para cada tipo de texto, sendo o escrito com nível médio a alto, o oral com um nível alto e o digital com um nível muito alto. Nas interações por *WhatsApp*, percebemos que há a junção de características de textos orais

e escritos no ambiente virtual e com um nível muito alto de uso dos recursos multimodais.

As conversas no *WhatsApp* se estabelecem em um ambiente digital, mas que apresenta características de textos orais e escritos. A própria arquitetura do aplicativo para a troca de mensagens é organizada em turnos que lembram a transcrição de uma conversa. Ranieri e Gois (2020) nos mostram que há marcas de interação face a face nas conversas no aplicativo. Além da disposição gráfica das mensagens, no *WhatsApp* podemos dispor de uma série de *emojis* que podem ser usados durante a troca de mensagens.

Nessa integração de características de textos orais, escritos e digitais, vemos o uso recorrente dos *emojis* nas interações. Paiva (2016) aponta para o fato de que os *emojis* apresentam funções discursivas e sintáticas e Oliveira, Cunha e Avelar (2018) apontam para funções pragmáticas. O uso dos *emojis* para os autores não seria um uso decorativo, mas de uma unidade articulada, ou não, com o verbal, visando à produção de sentidos. No caso do *emojis* em função dêitica que aqui nos propomos a analisar, veremos que têm relação muito próxima com o texto oral e com o contexto de produção das interações. Veremos também que os *emojis* podem apresentar função textual dentro das interações.

## ***2 DÉIXIS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES***

Como afirma Hanks (2008, p. 205), as dêixis “existem em todas as línguas humanas e possuem inúmeras características interessantes que as distinguem de outros recursos comunicativos, igualmente verbais e não verbais.”. Para Cavalcante (2013, p. 127), “o que define um dêitico: e a de só podermos identificar a entidade a que ele se refere se soubermos, mais ou menos, quem está enunciando a expressão dêitica e o local ou o tempo em que esse enunciado se encontra”. As dêixis apresentam cinco categorias: pessoa, tempo, lugar, social e discurso (LEVINSON, 2007; CAVALCANTE, 2000).

As dêixis de pessoa ou pessoal estão associadas às pessoas do discurso representada nas categorias gramaticais de pessoa, em especial os pronomes. Fora do contexto de produção do enunciado não há como identificar a quem os pronomes eu/tu/você se referem. O seu uso também irá variar se as interações forem face a face ou por uso de um meio de comunicação.

As dêixis de tempo e lugar estão intrinsecamente relacionadas com o contexto do enunciado. A dêixis de lugar tem por referência o local em que ocorre a enunciação. Geralmente são marcadas gramaticalmente pelo uso de expressões

adverbiais e por pronomes demonstrativos. No caso das dêixis de tempo, a sua função é localizar o enunciador na cadeia temporal. Elementos exofóricos marcadores de tempo são importantes para se estabelecer o ponto de entendimento do elemento dêitico temporal usado. No sistema gramatical, são marcados pelas funções adverbiais ou indicadoras de tempo, por sufixos flexionais de tempo e de modo.

As dêixis sociais têm um nível alto de dependência do contexto de enunciação. A condição social dos enunciados e de seu interlocutor, bem como a relação hierárquica e de parentesco serão necessárias para fazer uso das expressões dêíticas de cunho social. Para algumas culturas, as dêixis de pessoa e a social podem ser usadas da mesma forma, mas Levinson (2007) aponta para o fato de que, em culturas como a japonesa e a coreana, a relação de tratamento com o outro é algo marcado em seu sistema gramatical.

Segundo Cavalcante (2000), as dêixis discursivas têm por função marcar um enunciado e sua relação com o texto em que está inscrito, ou seja, apresenta uma função metatextual. Dessa forma, permite a organização geográfica do espaço textual, facilitando a orientação do leitor/ouvinte nesse espaço.

### ***3 OS EMOJIS COMO DÊITICOS***

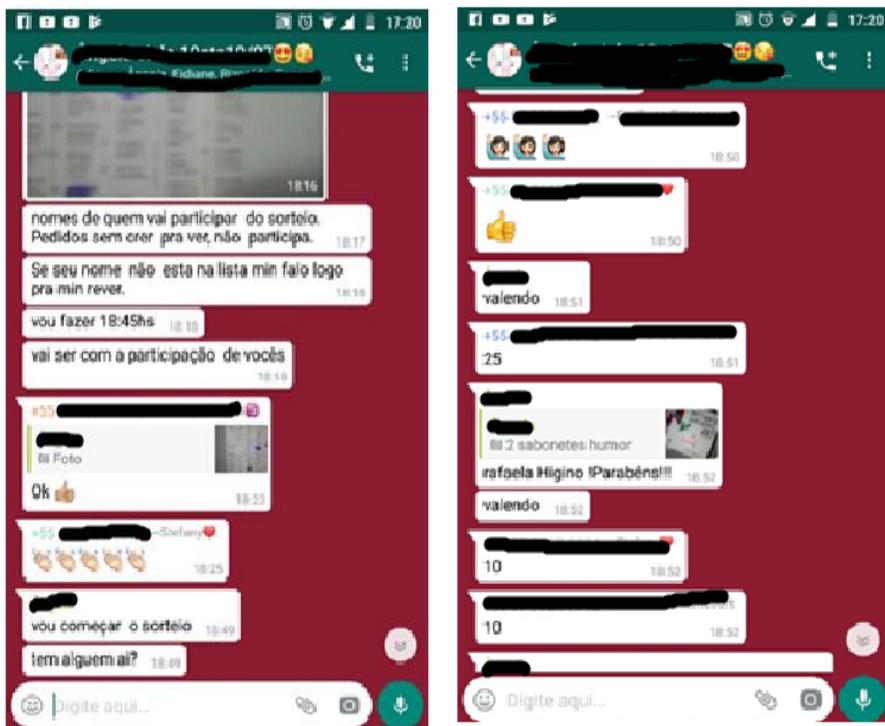
Os trechos de conversas que aqui serão usados foram extraídos dos trabalhos de Ranieri e Gois (2020) e de conversas privadas e conversas de grupos de interações pessoais da pesquisadora. Para isso, foram retiradas as possibilidades de identificação, como nomes e número de telefones. Apresentamos também ao lado de cada imagem uma transcrição da conversa. Além dessas questões, organizamos esta seção de análise em dois pontos: *emoji* como dêixis pessoal e *emoji* como dêixis de lugar e discursiva.

### **3.1 EMOJI COMO DÊIXIS PESSOAL**

Na condição de texto escrito, podemos usar o verbal e fazer uso dos pronomes pessoais, bem como usar do recurso gráfico, no caso o *emoji*, para representar o eu/tu. Em se tratando do texto digital, a disposição gráfica da conversa no aplicativo ajuda a identificar os autores dos enunciados, o que já seria uma marca para um elemento dêitico. Aqui vemos um ponto em comum entre o texto escrito e o digital: o recurso gráfico. Há também balões para a conversa, que marcam a troca de turno. O uso do *emoji* seria um recurso do texto digital, uma vez que está disponível pelo programa para a troca de mensagens. O interessante aqui é que, além da marcação de a troca de turnos ser algo da estruturação do texto no

WhatsApp, é também marca de conversações face a face, logo, também, uma característica dos diálogos em texto oral; além da tentativa do aplicativo de trazer representações de semioses da oralidade para o texto digital. O exemplo a seguir nos ajudará a entender essas questões.

**Imagem 1:** Imagem extraída de Ranieri e Gois (Print de conversa).



**Fonte:** Preparada pela Autora, 2020 (Adaptada).

**Quadro 1:** Transcrição adaptada a Imagem 1

--

F1: vou começar o sorteio

F1: tem alguém aí?



F3: 

F1: valendo

**Fonte:** Preparada e adaptada pela Autora.

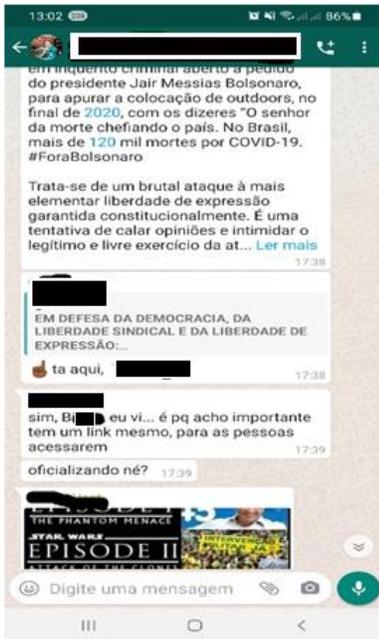
Na imagem 1, temos a realização de um sorteio. Para saber se há plateia, a administradora do grupo pergunta se pode começar. A resposta é dada por dois integrantes do grupo, mas a partir do uso de *emojis*. Um coloca a imagem de uma mulher com a mão levantada e o outro, o polegar em sinal de confirmação. No contexto interacional do exemplo, o uso do *emoji* poderia ser compreendido como: *Eu!*, mas a opção foi uma imagem que agrega características que lembram o sujeito da interação, em uma ação que poderia ser realizada da mesma forma que se fosse um sorteio presencial, ou seja, levantar a mão. Percebemos aqui o uso dêitico pessoal de um *emoji*. Em nosso exemplo, temos o uso de dêitico pessoal somente com a representação gráfica.

Tais questões são importantes, uma vez que, ao tratarmos da dêixis pessoal, vimos que são elementos que estão associados às pessoas do discurso e que sua representação está associada aos pronomes pessoais. Entretanto, na possibilidade de representação gráfica de características pessoais que individualizam o sujeito, poderíamos pensar também na categorização de dêitico social ao se fazer uso das possibilidades de identificação e caracterização dos *emojis*.

### ***3.2 EMOJI COMO DÊIXIS DE LUGAR E DÊIXIS DISCURSIVA***

Na literatura, a dêixis de lugar está relacionada com o espaço de enunciação do sujeito e de sua disposição nesse espaço. O *aqui* e o *ali* são estabelecidos na relação com o outro, com o tu. Pensando essa questão no ambiente do *WhatsApp*, o espaço pode ser onde a pessoa se encontra quando escreve/grava/fala a mensagem ou o próprio espaço gráfico da tela em que a conversa está materializada. Perceberemos que há uma linha tênue entre a dêixis de lugar e a dêixis discursiva nas conversas pelo aplicativo. Vejamos as imagens 2 e 3.

**Imagem 2:** Print de conversa.



Fonte: Preparada pela autora, 2020.

Quadro 2: Transcrição da Imagem 2.

<p>EM DEFESA DA DEMOCRACIA, DA LIBERDADE SINDICAL E DA LIBERDADE DE EXPRESSÃO:...</p>
<p>F1: tá aqui,</p>
<p>F2: Sim, B... eu vi...é pq acho importante tem um link mesmo, para as pessoas acessarem oficializando né</p>

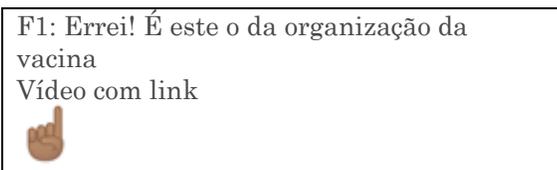
Fonte: Preparada pela autora, 2020.

Imagem 3: Print de Conversa 2.



Fonte: Preparada pela Autora.

### Quadro 3: Transcrição da Imagem 3.



Fonte: Preparada pela Autora, 2020.

Na imagem 3, temos o usuário C usando o *emoji* 👉 para mostrar para o outro onde está a mensagem a que ele se refere. O *emoji* é usado com o advérbio aqui que reforça a localização da mensagem e que essa é a mensagem correta.

Tanto que é confirmado logo a seguir, quando ele diz “eu vi”. É perceptível que o objetivo da mensagem é mostrar a localização, tal como faríamos em uma interação presencial que poderíamos usar o dedo para apontar o local.

O integrante do grupo erra o vídeo postado. Logo abaixo coloca o vídeo correto e abaixo do vídeo usa o *emoji* do dedo indicador apontando para cima, para o vídeo. E não usa somente um, mas dois *emojis* para reforçar a mensagem. Os exemplos acima também podem ser entendidos a partir da definição das dêixis discursivas. Tal tipo de dêixis tem por função estabelecer uma relação geográfica dentro do texto: estabelecer o acima ou o abaixo, o antes e o depois, ou seja, orientar o leitor em sua trajetória textual.

Como dito anteriormente, temos que pensar aqui em duas situações: 1) a identificação do “objeto”, a mensagem ou o vídeo que está sendo o foco do tópico naquele momento e 2) na localização do “objeto”, mensagem ou vídeo, na disposição gráfica da tela. A referência construída lembra a ação de mostrar em interações presenciais, quando apontamos com o dedo, com a cabeça ou com o queixo para mostrar algo; ao mesmo tempo, graficamente temos o recurso do uso do *emoji* em um texto que está realizado de modo escrito. Conseguimos encontrar duas características de usos dêiticos que muitas

vezes são mais frequentes na oralidade, como o apontar, e na escrita, como identificar no texto onde está o elemento referenciado. Essa flutuação é passível do ambiente digital e de como se dá a construção dos textos nesses ambientes.

## ***CONSIDERAÇÕES FINAIS***

A discussão proposta permitiu que olhássemos para os *emojis* como elementos de sentido que levam à organização textual, o que pode se estender para o uso dos demais recursos gráficos existentes no *WhatsApp*. Neste estudo, optamos por focar no papel dos *emoticons* como expressões dêiticas. Nessa condição, vimos que podem assumir as mesmas condições que as expressões linguísticas, como dêixis pessoal, de lugar e discursiva; mas percebemos também que, por estar em condições de realização que flutua pelas características do texto oral, escrito e digital, há uma superposição de função advindas dessa flutuação. As questões aqui levantadas apontam possibilidades de investigação para o uso dos *emojis* em funções que aparentemente delimitamos como linguísticas. Vimos aqui o uso como expressão dêitica, mas há uma gama de possibilidades para usos em diversas funções discursivas, sintáticas, pragmáticas e textuais, como vários autores também apontam.

## **REFERÊNCIAS**

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. A dêixis discursiva. **Revista de Letras**, São Paulo, v. 1/2, n. 22, p. 47-55, jan./dez. 2000.

CAVALCANTE; Mônica; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. Revisitando o estatuto do texto. **Revista do Gelne**, Piauí, v. 12, n. 2, p. 56-71, 2010.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2013.

LEVENSON, Stephen. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

OLIVEIRA, Ana Larissa Adorno Marciotto; CUNHA, Gustavo Ximenes; AVELAR Fernanda Teixeira. *Emojis* como estratégias de reparo em pedidos de desculpas: um estudo sobre conversas em ambiente digital. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, n. 57, v. 3, 1615-1635, set./dez. 2018.

PAIVA, V. L. M. de O. A linguagem dos *emojis*. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 55, n. 2, p. 379–399, 2016.

Ranieri, Thaís Ludmila da Silva; GOIS, Aline Raquel Sena. Marcas da interação face a face em conversas de WhatsApp. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Cariri, CE, v. 9, n. 3, 2020.

SINDONI, Maria Grazie. **Spoken and Written Discourse in Online Interactions**. New York: Routledge, 2013.

# A ESCRITA ACADÊMICA SOB UM VIÉS ENUNCIATIVO: ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DE TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO

MACIEL, Jupiraci Maria Farias  
Universidade Federal Rural do Pernambuco – UFRPE  
jupiracimaciel@hotmail.com

FERREIRA JÚNIOR, José Temístocles  
Universidade Federal Rural do Pernambuco – UFRPE  
josetemistocles@yahoo.com.br

**RESUMO:** Nosso trabalho busca investigar o modo como os alunos dos cursos de Bacharelado em Ciências Sociais e Licenciatura em Educação Física da UFRPE são inseridos nas práticas de letramento acadêmico e na abordagem da leitura e da escrita adotada na elaboração do TCC, com base na teoria enunciativa e nos estudos sobre letramento. Para observar as abordagens sobre a leitura e escrita dos alunos, aplicamos questionários com cinco professores e dezoito alunos de algumas disciplinas dos referidos cursos e analisamos o *corpus* à luz da teoria que fundamenta esta pesquisa. Com isso, verificamos que os professores utilizam aulas expositivas, seminários, leituras de artigos, resumos,

resenhas, vídeos e documentários transmitidos por aulas acessadas pelos dispositivos tecnológicos, devido ao Período Letivo Excepcional. Os alunos apresentam dificuldades na construção do TCC em relação à organização das ideias e à escrita do texto acadêmico. Entre as estratégias utilizadas por professores e alunos para superar as dificuldades estão as leituras sobre o tema. Os resultados mostram que a leitura e a escrita estão intimamente relacionadas, especialmente na escrita acadêmica, que apresenta a fala de outros autores como forma adequada para defender o texto de um TCC, seja uma monografia ou artigo científico. Além disso, mostram que ainda prevalece a abordagem de ensino baseada no modelo das habilidades apontado por Lea e Street (1998), segundo o qual são valorizadas as habilidades previamente adquiridas e a capacidade cognitiva dos alunos. No entanto, o letramento digital, utilizado por professores e alunos, também os aproxima e leva os alunos a buscarem novos recursos tecnológicos para explorarem artigos, dissertações e teses, permitindo um diálogo com textos acadêmicos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Letramentos; Letramento Acadêmico; Gêneros Textuais.

**ABSTRACT:** This paper seeks to investigate how students from the Bachelor of Social Sciences and Licentiate in Physical Education courses at UFRPE are inserted in academic literacy practices and in reading and writing approaches adopted in the elaboration of the TCC, based on the enunciative theory and in literacy studies. In order to observe the students' approaches to reading and writing, we applied questionnaires with five professors and eighteen students of the referred courses and analyzed the *corpus* based on the theory that underlies this research. Thus, we found out that teachers use lectures, seminars, readings of articles, abstracts, reviews, videos and documentaries transmitted by different technological devices, due to the Exceptional Teaching Period. Students have difficulties in the construction of the TCC such as organizing ideas and writing the academic text. Among the strategies used by teachers and students to overcome difficulties are those related to readings about specific themes. The results show that reading and writing are closely related, especially in academic writing, which presents

the speech of other authors as an adequate way to defend the text of a TCC, be it a monograph or scientific article. Furthermore, they show that the teaching approach based on the skills model pointed out by Lea and Street (1998) still prevails, according to which previously acquired skills and the cognitive capacity of students are valued. However, digital literacy, used by teachers and students, also brings them closer and leads students to seek new technological resources to explore articles, dissertations and theses, allowing a dialogue with academic texts.

**KEYWORDS:** Literacies; Academic Literacy; Textual genres.

## *INTRODUÇÃO*

Neste trabalho, apresentamos os resultados da pesquisa que buscou compreender como alunos dos cursos de Bacharelado em Ciências Sociais e de Licenciatura em Educação Física da UFRPE são inseridos nas práticas de letramento acadêmico e da discussão a respeito do(s) modelo(s) de abordagem da leitura e da escrita adotado(s) para elaboração do TCC. Para isso, inicialmente elaboramos um questionário direcionado a professores e um questionário direcionado a alunos, com o intuito de coletar dados que possibilitassem uma análise a partir da visão dos docentes e dos discentes. Em seguida, analisamos 10 trabalhos de conclusão de curso para observar o processo de apropriação discursiva entre orientador e os alunos-escreventes do TCC.

Segundo Street, o letramento pode ser concebido por um modelo autônomo ou um modelo ideológico. O modelo autônomo de letramento implica na compreensão do letramento como a apropriação de técnicas dissociadas dos efeitos de outras práticas sociais, enquanto que o modelo ideológico concebe o letramento como prática social que envolve relações de poder (STREET, 1984). De acordo com a abordagem adotada, os indivíduos se apropriam e desenvolvem habilidades, assimilam modos de usos da escrita e as práticas sociais em contextos diversos com base em modelos de letramento. Lea e Street elaboraram um estudo das abordagens de letramento sobre a escrita no ensino superior e listaram as três principais abordagens referentes ao estudo das habilidades, socialização acadêmica e letramento acadêmico. (LEA; STREET, 1998).

## ***1 REVISÃO DA LITERATURA***

Esta pesquisa parte de uma concepção de língua como processo de interação entre sujeitos (BENVENISTE, 1988 e 1989), entendendo a língua como “um conjunto de práticas sociais e cognitivas historicamente situadas” (MARCUSCHI, 2008, p.61). Nessa perspectiva, o autor recomenda que “a escola ensine os usos da língua e formas não corriqueiras de

comunicação escrita e oral” (ibidem, p.55), inserindo o aluno nas práticas de letramentos de uso da língua.

No entanto, quando Soares diz que “um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado” (2016, p. 39), podemos entender que o indivíduo pode saber ler e escrever, mas não exercer práticas de leitura e escrita adequadas a diferentes contextos ou não ser capaz de interpretar um texto, ou mesmo se encontrar em um estado de letramento referente a alguma situação social e em outras não. Entende-se que o letramento envolve uma gama de conhecimentos, habilidades e práticas que trazem como consequência diversas tentativas de definição, como os multiletramentos, que abrangem a multiplicidade de culturas e a multiplicidade de linguagens que emergem na sociedade contemporâneas (MOURA; ROJO, 2012).

Segundo Moura e Rojo, a escola necessita assumir uma nova pedagogia que inclua “a grande variedade de culturas já presentes nas salas de aulas de um mundo globalizado e caracterizada pela intolerância com a diversidade cultural, com a alteridade” (MOURA; ROJO, 2012, p.12), Assim, a pedagogia dos Multiletramentos aponta para “a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade

semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica” (idem, ibidem, p.13).

Lea e Street (1998) identificaram três principais abordagens sobre as quais a leitura e escrita dos alunos em contexto universitário está compreendida e que promovem a inserção desses alunos nos eventos e práticas de letramento universitários, que são: o modelo dos estudos das habilidades, o modelo da socialização e o modelo do letramento acadêmico. Segundo os autores, o modelo dos estudos das habilidades compreende a capacidade individual cognitiva de domínio da linguagem formal, da gramática normativa, sendo a habilidade necessária para circular e se apropriar dos eventos e práticas sociais do contexto da universidade. Nessa abordagem, o aluno é responsável pelo seu letramento, devendo se adaptar ao contexto universitário independentemente de seu histórico anterior ou das demandas do novo contexto. No modelo da socialização acadêmica, Lea e Street reforçam o papel do professor como responsável por introduzir os alunos na cultura da academia, contribuindo para a assimilação de modos, pensamentos e práticas de escrita valorizadas e legitimadas pela academia. Uma terceira abordagem compreende o letramento acadêmico como um conjunto de práticas sociais que variam de acordo

com as disciplinas e os gêneros discursivos, concebendo os múltiplos letramentos que perpassam o universo da academia (LEA; STREET, 1998).

Marcuschi (2002, p. 22) afirma que: “é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto”, reforçando a necessidade de um trabalho pedagógico que favoreça o letramento a partir dos diversos tipos e gêneros textuais, caracterizando as diferenças e favorecendo os processos que envolvem cada gênero.

Segundo Benveniste (1989), a enunciação, como uma realização formal, é o próprio ato individual de utilização da língua, que supõe uma situação discursiva e os instrumentos necessários para sua realização. O emprego das formas possibilita o uso de estruturas linguísticas em um processo de apropriação formal da língua, já o emprego da língua em discurso oferece uma semantização que pode nos conduzir à realização de leituras, escritas e oralidade de um texto. Para Benveniste, a explicitação do processo de letramento acadêmico se dá na e pela enunciação, ou seja, os alunos precisam se apropriar de mecanismos linguístico-textuais e discursivos adequados para produzirem enunciados em determinados domínios discursivos. Nesse caso, os alunos

devem apreender um estilo particular da escrita acadêmica, especialmente do TCC, que geralmente consiste em uma monografia ou artigo científico.

No que se refere aos gêneros acadêmicos, Motta-Roth e Hendges (2010) consideram que a produção textual atende a objetivos muito específicos, por exemplo, artigos acadêmicos, monografias e resenhas têm funções diferentes e podem ser reconhecidos particularmente em relação ao tema e objetivo do texto, público-alvo, natureza e organização das informações. Diante disso,

[...] ter uma ideia clara desses gêneros e do modo como eles normalmente são utilizados em nossa área são condições primordiais para que possamos produzir textos acadêmicos eficazmente. (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010, p. 24).

O conhecimento de diferentes gêneros textuais produzidos e divulgados nesse contexto está associado ao conhecimento das normas e convenções desses discursos, os quais não são apropriados por todos os membros dessa comunidade.

Nesse sentido, Oliveira (2016a) propôs uma interface entre o campo dos Estudos dos Letramentos Acadêmicos e a Teoria da

Enunciação de Émile Benveniste, considerando “a escrita e a oralidade acadêmicas como duas formas complexas do discurso letrado por meio das quais o locutor-aluno apropria-se dos conhecimentos disciplinares e das convenções escriturais próprias ao seu campo do saber” (OLIVEIRA, 2016a). Sendo assim, o autor considera o letramento acadêmico como

[...] um ato enunciativo de inscrição do homem nas culturas de escrita acadêmica, nas quais ele se instaura como sujeito de linguagem e renova sua relação com a língua materna a cada vez que insere seu discurso no mundo letrado acadêmico para falar, ouvir, escrever e ler textos escritos e orais letrados. (OLIVEIRA, 2016a, p. 128)

Porém, são textos acadêmico-científicos que impõem o discurso do outro, “servindo de sustentação e mesmo de argumentação para o desenvolvimento do assunto tratado no texto” (NUNES, FLORES, 2012).

## ***2 METODOLOGIA***

O *corpus* da pesquisa é composto por questionários aplicados a quatro professores e dezoito alunos das disciplinas que se referem à elaboração do projeto de pesquisa e a

monografia/artigo, para verificar quais abordagens sobre a leitura e escrita dos alunos são mais recorrentes nas aulas.

Analisamos 10 trabalhos de conclusão de curso, de 3 alunos concluintes do curso do Bacharelado em Ciências Sociais, a partir da versão inicial até a versão final enviada para o orientador, para verificar a apropriação da língua-discurso dos alunos em relação ao feedback do orientador.

As análises têm um caráter qualitativo-interpretativista e tomam por base apontamentos presentes na teoria enunciativa de Benveniste (1988 e 1989) e nos estudos sobre letramentos (LEA; STREET, 1998; HENDGES; MOTTA-ROTH, 2010; MOURA; ROJO, 2012; FLORES; NUNES, 2012; PEREIRA, 2016; OLIVEIRA, 2017).

### ***3 RESULTADOS E DISCUSSÃO***

As disciplinas estão divididas em dois períodos (7º e 8º), tanto para o curso de Bacharelado em Ciências Sociais como na Licenciatura em Educação Física. Em Ciências Sociais estão divididas em TCC1 e TCC2 e, em Educação Física, em Seminário de Monografia e Monografia.

Foram entrevistados cinco professores (Prof. A, Prof. B, Prof. C, Prof. D e Prof. E) e dezoito estudantes (Aluno A, Aluno B,

Aluno C, etc.) das disciplinas de TCC1 e TCC2 do curso do Bacharelado em Ciências Sociais e das disciplinas de Seminário de Monografia e Monografia da Licenciatura em Educação Física, da UFRPE, ministradas durante o Período Letivo Excepcional (PLE 2020/4), para verificar quais abordagens sobre a leitura e escrita dos alunos são mais recorrentes nas aulas. A ideia inicial do projeto era observar aulas e orientações dadas na construção do trabalho de conclusão de curso nas graduações em Ciências Sociais e Educação Física, para verificar que instrumentos são utilizados por alunos e professores para inserção das práticas de letramentos e para produção de trabalhos de conclusão de curso.

No primeiro momento, buscamos analisar os questionários, em que no mapeamento dos gêneros textuais acadêmicos verificamos que todos os professores utilizam aula expositiva e seminário, durante suas aulas síncronas. Além disso, utilizam leituras de artigos científicos, resumos, resenhas, vídeos e documentários, transmitidos por dispositivos tecnológicos.

As dificuldades mais observadas pelos professores estão relacionadas ao conhecimento teórico da definição de um tema e problema específico de pesquisa; com isso, o professor busca insistir na explicação, trazendo novos textos de artigos, dissertações e teses.

Nas análises das respostas dos estudantes, verificamos que eles apresentam dificuldades na construção do TCC em relação à organização das ideias e a escrita do texto acadêmico. Entre as estratégias utilizadas pelos alunos e professores para superar as dificuldades estão as leituras sobre o tema, especialmente porque precisarão elaborar um pré-projeto e seguir na escrita do TCC.

Os resultados mostram que a leitura e a escrita estão intimamente relacionadas, especialmente na escrita acadêmica, que apresenta a fala de outros autores na defesa do texto de um TCC. Segundo Pereira (2016), algumas orientações realizadas em relação ao TCC também se aplicam a outros gêneros acadêmicos. Nesse caso, uma orientação é bem-vinda em relação à temática das áreas envolvidas, mas também em relação às regras e normas da ABNT, bibliografia que auxilia na produção de gêneros acadêmicos, especialmente na elaboração do TCC. Assim, essas leituras são recomendadas tanto para embasar uma pesquisa, quanto para a escrita desta pesquisa.

Com isso, as estratégias adotadas pelos alunos para superar suas dificuldades estão relacionadas à leitura para o processo de escrita do TCC. Por exemplo, o Aluno I indicou a falta de “Organização das ideias no processo de escrita e

dificuldade com alguns materiais”. Isso porque a leitura demanda tempo, e o leitor deve apreender as ideias do texto e buscar escrever sobre elas. É importante que nas leituras seja feita uma identificação dos conceitos teóricos que são centrais em relação ao TCC.

Além disso, na escrita acadêmica procura-se “buscar o ponto de equilíbrio entre o que você deve e pode pensar/escrever por si mesmo e o que você precisa buscar de fundamentação na voz do outro” (PEREIRA, 2016, p. 32). Com isso, observamos que “as finalidades dos gêneros acadêmicos impõem que, em maior ou menor medida, o discurso do outro seja incorporado à escrita”, segundo Nunes e Flores (2012), isso porque os outros autores sustentam a escrita desses textos que buscam trazer novos conhecimentos e necessitam de outras vozes para servir de argumentação (NUNES; FLORES, 2012).

Quanto aos professores, diante das dificuldades de aprendizagem dos alunos, apresentam as atitudes dispostas a seguir: o Prof. A busca “Insistir na explicação, passar novos textos e chamar outras pessoas para apresentar a revisão sistemática e busca de artigos em banco de artigos, dissertações, teses”, enquanto isso, o Prof. B explica que “Tento ir acompanhando o material escrito do aluno e fazendo

as correções, explicando o que precisa melhorar e pedindo reescrita.”

Observando as respostas dadas pelos professores, percebemos que esses resultados mostram que o modelo dos estudos das habilidades, em que o aluno é responsável pelo seu letramento e deve se adaptar ao contexto universitário, circular e se apropriar dos eventos e práticas sociais, independentemente de seu histórico anterior, ainda prevalece, como nos indica Lea e Street (1998).

No modelo da socialização acadêmica, Lea e Street (1998) reforçam o papel do professor como responsável por introduzir os alunos na cultura da academia, contribuindo para a assimilação de modos, pensamentos e práticas de escrita valorizadas e legitimadas pela academia.

Entendemos, com isso, que o letramento baseado no modelo da socialização acadêmica ainda é um processo que, para a maioria dos alunos, não está acessada nos últimos períodos da graduação e os professores ainda privilegiam as habilidades individuais dos alunos, indicando que os modelos das abordagens não são excludentes.

No segundo momento, analisamos os dez TCC, de três alunos, orientados por um professor de Ciências Sociais.

Verificamos que o orientador, tomado como orientador-interlocutor, indica excertos em amarelo ou faz anotações para que os estudantes revejam os trechos marcados; podendo, inclusive, escrever palavras ou pequenos trechos para contribuir com o sentido do fragmento. Porém, na maioria das vezes, ele solicita que os alunos busquem as informações necessárias com uso de textos e autores para concluírem o TCC, oferecidos ou não pelo orientador.

Os alunos, tidos como alunos-escreventes, por sua vez, ao observar os “feedbacks” dos orientadores-interlocutores, costumam fazer alguns ajustes. Como exemplo, os três alunos fizeram ajustes no título, nas normas de citações, e consideraram as palavras ou trechos indicados pelo orientador. Porém, eles ajustaram poucos comentários que alterariam seus dizeres, fazendo uso de novas explicações como parte do dizer do orientador.

Com isso, percebemos a enunciação como processo de apropriação discursiva que funda os estudantes-escreventes do TCC como sujeitos.

## ***CONCLUSÃO***

É possível caracterizar o processo de letramento acadêmico, de construção referencial e de apropriação de mecanismos enunciativos na produção do TCC, em cursos de graduação da Universidade Federal Rural de Pernambuco, buscando compreender como os alunos são inseridos nas práticas de letramentos e quais as abordagens sobre a produção de textos escritos são mais recorrentes.

Assim, percebemos que ainda prevalece a abordagem do modelo das habilidades, segundo o qual Lea e Street (1998) apontam que são valorizadas as habilidades adquiridas previamente pelos alunos. No entanto, o letramento digital, utilizado por professores e alunos, tem aproximado o discente e o docente. Com isso, os professores levam os alunos a buscarem novos recursos tecnológicos para explorar artigos, dissertações e teses, permitindo um diálogo com os textos acadêmicos.

## ***REFERÊNCIAS***

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I. 2.** Ed. Campinas-SP: Pontes, 1988.

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral II. 2.** Ed. Campinas-SP: Pontes, 1989.

LEA, Mary R.; STREET, Brian V. **Student Writing in higher education: an academic literacies approach.** In: Studies in Higher Education. London, v. 23, n. 2, pp. 157-16, June, 1998.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela Rabuske. **Produção textual na universidade.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

NUNES, Paula Ávila; FLORES, Valdir do Nascimento. A ESPECIFICIDADE DA ENUNCIÇÃO ESCRITA EM TEXTOS ACADÊMICOS. **Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo** – v. 8 – n. 1 – p. 235-252 – jan./jun. 2012.

OLIVEIRA, Giovane Fernandes. **Letramento e Enunciação: bases para um diálogo.** Domínios de Linguagem | Uberlândia | vol. 11, n. 4 | out./dez. 2017.

PEREIRA, Regina Celi Mendes (Org). **Entre conversas e práticas de TCC.** João Pessoa: Ideia, 2016.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** São Paulo: Autêntica 1999.

STREET, Brian V. **Literacy in theory and practice.** London: Cambridge University Press, 1984.

## CAPÍTULO 5

### VIDAS SECAS: ANÁLISE TEXTUAL SOB A PERSPECTIVA DO SISTEMA DE TRANSITIVIDADE

MORETI, Rosemeri  
Mestranda – Universidade Estadual do Rio de Janeiro-UERJ  
rosemeri.letras@gmail.com

DUTRA, Vania  
Professora Associada – Universidade Estadual do Rio de  
Janeiro-UERJ  
vaniardutra@hotmail.com

**RESUMO:** O presente trabalho tematiza a análise de textos a partir do instrumental teórico da Linguística Sistêmico-Funcional, com foco específico no texto narrativo, dando ênfase aos conceitos por ela definidos e demonstrando como podem ser relevantes para a leitura. A Metafunção utilizada para analisar o texto-*corpus*, o romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, é a Ideacional, por entender a oração como representação. O objetivo do trabalho é discutir como as escolhas feitas pelo autor influenciaram na construção do personagem Fabiano, tendo como recurso de investigação o sistema de transitividade. Foram analisadas todas as orações em que Fabiano aparece como um dos participantes, a fim de apresentar a relação entre o personagem e os processos escolhidos para construir sua imagem. Não há, por exemplo,

ocorrência de processos existenciais, mas há grande incidência de processos materiais que reforçam a ideia de uma figura sertaneja. Por priorizar a estreita relação entre os recursos linguísticos e o discurso produzido, a abordagem sistêmico-funcional possibilita uma melhor compreensão do funcionamento da língua, enxergando-a como um sistema que sempre dependerá de referência e que tem seu uso efetivo no ato comunicativo. Desse modo, é apresentada a forma como a análise das escolhas feitas pelos produtores dos textos é uma importante ferramenta para a leitura crítica, possibilitando a formação de leitores mais atentos e críticos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguística Sistêmico-Funcional; Análise de Textos; Vidas Secas.

**ABSTRACT:** The purpose of this article is to present the approach of Systemic-Functional Linguistics in text analysis, focusing on the narrative text, emphasizing the concepts defined by it, presenting them in general, and how they can be relevant for text analysis. The Metafunction used to analyze the clipping, which belongs to the novel *Vidas Secas*, by Graciliano Ramos, is the Ideational, as it understands clause as a representation. The objective of this work is to discuss how the choices made by the author influenced the construction of the character Fabiano, using the transitivity system as a research resource. All the clauses in which Fabiano appears as one of the participants were analyzed, in order to present the relationship between his character and the processes chosen to build his image. There is, for example, no occurrence of existential processes, but there is a high incidence of material processes that reinforce the idea of a sertanejo figure. By prioritizing the close relationship between resources and the discourse produced, it allows for a better understanding of the functioning of language, perceiving it as a system that will always depend on reference and which has its effective use in the communicative act. Thus, it is presented how the analysis of the choices made by the texts producers is an important tool for critical reading, enabling the formation of more attentive and critical readers.

**KEYWORDS:** Systemic-Functional Linguistic; Text Analysis; Vidas Secas.

## ***INTRODUÇÃO***

A Gramática Funcional inclui, na análise da estrutura gramatical, toda a situação comunicativa: propósito da fala, participantes e contexto. Propõe-se a revelar os significados por trás dos códigos nas sequências linguísticas, uma vez que entende que a forma é o meio pelo qual se descobre o funcionamento da língua (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). A forma é o meio, não o fim. A análise da frase deve ir além dos níveis fonológico, morfológico e sintático, e chegar ao nível comunicativo, como já era defendido pela Escola Linguística de Praga. Nessa perspectiva, uma avaliação centrada apenas na estrutura da oração não é suficiente, é necessário incluir toda a situação comunicativa no âmbito da análise.

Halliday, em sua teoria sistêmico-funcional, determina o uso como marca principal de caracterização de uma língua e de sua descrição. Ele propõe uma análise simultânea de sistema e funções da língua. A partir disso, desenvolve a ideia de que a linguagem desempenha três funções primordiais: expressar conteúdo, estabelecer e manter relações sociais, e habilitar as duas funções anteriores, permitindo aos falantes organizar seus

significados como discurso relevante. A linguagem é vista como um reservatório de possibilidades semânticas voltadas para a comunicação. A gramática, para Halliday, tem a função de organizar as opções em seções, nas quais os falantes fazem seleções simultâneas, seja qual for o seu propósito comunicativo. É essa teoria que usaremos como base deste trabalho.

## ***1 UMA BREVE APRESENTAÇÃO DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL (LSF)***

O ponto de vista da Linguística Sistêmico-Funcional parte do princípio de que a forma depende da função e de que a linguagem é uma estrutura social. Quando utilizamos a linguagem, fazemos escolhas dentre as mais variadas possibilidades que a língua nos oferece, por isso é necessário que se observem os efeitos que essas escolhas podem provocar em um determinado contexto.

Para Halliday, um texto ocorre, simultaneamente, em dois contextos, no de cultura e no de situação, e é visto como um produto do meio, que funciona nesse meio. O primeiro contexto, o de cultura, relaciona-se com o ambiente sociocultural mais amplo, trata-se de um conjunto de experiências com significados compartilhados. O segundo é o ambiente em que se concretiza a

comunicação, em que se realiza o processo de escolhas; esse contexto mais imediato é formado por três variáveis: campo (atividade social em andamento), relações (*status* e papel dos participantes) e modo (função exercida pela linguagem e canal utilizado). Esses três aspectos refletem-se nas escolhas linguísticas a serem feitas (FUZER; CABRAL, 2014).

Relacionadas às variáveis do contexto de situação estão as metafunções da linguagem propostas por Halliday, que são o conceito-base da teoria sistêmico-funcional. Cada uma delas tem uma perspectiva diferente ao analisar a oração: como representação da realidade (metafunção ideacional), como troca (metafunção interpessoal) e como mensagem (metafunção textual).

Na perspectiva ideacional, a oração é vista como representação da realidade e é realizada por duas funções: experiencial e lógica. A unidade de análise da primeira é a oração, e a da segunda é o complexo oracional. Os significados experienciais relacionam-se com o campo. O sistema de transitividade, utilizado para analisar toda a oração, é composto por processos (grupos verbais), participantes (grupos nominais) e eventualmente circunstâncias (grupos adverbiais). Essa metafunção considera os aspectos léxico-gramaticais usados para representar experiência por meio da língua.

Neste trabalho, desenvolvemos uma breve análise do ponto de vista da metafunção ideacional, considerando o aspecto experiencial. Dessa forma, considera-se pertinente explicitar alguns conceitos relevantes relativos à metafunção ideacional.

## ***2 METAFUNÇÃO IDEACIONAL***

Sob a perspectiva da metafunção ideacional, a linguagem capacita o homem a externar linguisticamente a imagem mental que constrói da realidade. O sistema gramatical que possibilita isso é a transitividade. Na Gramática Sistêmico-Funcional, é o sistema que descreve toda a oração, que é composta por processos, participantes e, quando pertinentes, circunstâncias.

Para Halliday (2004), os processos são divididos em três tipos principais: materiais, mentais e relacionais. Na fronteira destes, estão outros três processos: comportamentais, verbais e existenciais. Neste trabalho, desenvolvemos os conceitos de apenas alguns dos processos, aqueles que são mais relevantes para a análise do texto escolhido: processos material, mental, relacional e verbal.

O chamado processo material é do tipo “fazer”. O participante *Ator* é responsável pelo desenrolar do processo, enquanto *Meta* é o participante afetado pelo processo.

O processo mental, por sua vez, está relacionado à percepção sensorial, emocional e cognitiva, construindo linguisticamente a percepção que se tem da realidade, bem como um fluxo de consciência do enunciador (FUZER; CABRAL, 2018). Os participantes são *Experienciador* – quem sente, percebe, deseja – e *Fenômeno* – o que é sentido, percebido, desejado.

O processo relacional, ainda, estabelece relação entre duas entidades. Geralmente servem para representar seres no mundo de acordo com suas características e identidade (FUZER; CABRAL, 2018). Os participantes da oração relacional podem ser *portador* e *atributo*, *identificado* e *identificador* ou *possuidor* e *possuído*.

Os processos comportamentais, segundo Halliday e Matthiessen (2004), são processos do comportamento fisiológico e psicológico, apesar de não possuírem características tão nítidas quanto os outros processos. Exemplos: *levantar*, *sentar*, *agachar*, *sorrir*, *choramingar*. O participante é denominado *Comportante*.

Por fim, o processo verbal está situado entre os mentais e os relacionais, segundo Halliday (2014). Os participantes desse processo são denominados *Dizente*, *Verbiagem*, *Receptor* e *Alvo*.

### **3 METODOLOGIA**

O objeto de análise deste trabalho é o capítulo primeiro da obra de Graciliano Ramos, “Vidas Secas”, intitulado *Mudança*. Optou-se por analisar o texto sob a perspectiva da metafunção experiencial por esta considerar a oração como representação da realidade, uma expressão do mundo material. Decidiu-se, ainda, analisar somente as orações que têm como participante o personagem Fabiano, pois o objetivo é observar como o personagem foi construído, a partir dos processos, e analisar as escolhas do autor nesse processo de construção. A seguir, apresentam-se alguns trechos do capítulo e a análise sobre os resultados obtidos à luz do sistema de transitividade.

### **4 ANÁLISE**

Legenda dos processos:



**Materiais** **Mentais** **Verbais** **Relacionais** **Comportamentais**

1 Arrastaram-se para lá, devagar, Sinhá Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça, **Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro.**

2 – Anda, condenado do diabo, **gritou**-lhe o pai. Não **obtido** resultado, **fustigou**-o com a bainha da faca de ponta.

3 Fabiano ainda lhe **deu algumas pancadas**<sup>4</sup> e **esperou** que ele se levantasse. Como isto não acontecesse, **espiou** os quatro cantos, zangado, **praguejando** baixo.

4 – Anda, excomungado. O pirralho não se mexeu, e Fabiano **desejou matá**-lo. **Tinha** o coração grosso,

5 Pelo espírito atribulado do sertanejo **passou a idéia**1 de abandonar o filho naquele descampado. **Pensou** nos urubus, nas ossadas, **coçou** a barba ruiva e suja, irresoluto, **examinou** os arredores.

6 Fabiano **meteu** a faca na bainha, **guardou**-a no cinturão, **acocorou-se**, **pegou** no pulso do menino, que se encolhia, os joelhos encostados no estômago, frio como um defunto. Aí a cólera desapareceu e Fabiano **teve pena**1.

7 **Entregou** a espingarda a Sinhá Vitória, **pôs** o filho no cangote, **levantou-se**, **agarrou** os bracinhos que lhe caíam sobre o peito, moles, finos como cambitos.

8 Fabiano também às vezes **sentia** falta dela, mas logo a recordação chegava. **Tinha andado a procurar** raízes, à toa: o resto da farinha acabara, não se ouvia um berro de rês perdida na catinga.

9 As manchas dos juazeiros tornaram a aparecer, Fabiano **aligeirou** o passo, **esqueceu** a fome, a canseira e os ferimentos. As alpercatas **dele estavam** gastas nos saltos, e a embira **tinha**-lhe **aberto** entre os dedos rachaduras muito dolorosas.

11 Fabiano **procurou em vão perceber** um toque de chocalho. **Avizinhou-se** da casa, **bateu**, **tentou forçar** a porta. **Encontrando**

---

4 1– O verbo “dar”, no contexto, foi considerado como um “verbo-suporte” (NEVES, 2002), quando o participante preenche o significado do processo. “deu umas pancadas” equivale e bater. O mesmo acontece com outros processos destacados no *corpus*.

resistência, **penetrou** num cercadinho cheio de plantas mortas, **rodeou** a tapera, **alcançou** o terreiro do fundo, **viu** um barreiro vazio, um bosque de catingueiras murchas, um pé de turco e o prolongamento da cerca do curral. **Trepou-se** no mourão do canto, **examinou** a catinga, onde avultavam as ossadas e o negrume dos urubus. **Desceu**, **empurrou** a porta da cozinha. **Voltou** desanimado, **ficou** um instante no copiar, **fazendo tenção** de hospedar ali a família. Mas **chegando** aos juazeiros, **encontrou** os meninos adormecidos e não **quis acordá-los**. **Foi apanhar** gravetos, **trouxe** do chiqueiro das cabras uma braçada de madeira meio roída pelo cupim, **arrancou** touceiras de macambira, **arrumou** tudo para a fogueira.

13 Fabiano **seguiu-a com a vista** e **espantou-se**: uma sombra passava por cima do monte. **Tocou** o braço da mulher, **apontou** o céu, ficaram os dois algum tempo aguentando a claridade do sol.

14 O coração de Fabiano **bateu** junto do coração de Sinhá Vitória,

15 E Fabiano **queria viver**. **Olhou** o céu com resolução.

16 Fabiano **pisou** com segurança, **esquecendo** as rachaduras que **lhe (META)estragavam** os dedos e os calcanhares.

17 Fabiano **tomou** a cuia, **desceu** a ladeira, **encaminhou-se** ao rio seco, **achou** no bebedouro dos animais um pouco de lama. **Cavou** a areia com as unhas, **esperou** que a água marejasse e, **debruçando-se** no chão, **bebeu** muito.

18 **Pensou** na família, **sentiu** fome. **Caminhando**, **movia-se** como uma coisa, para bem dizer **não se diferenciava** muito da bolandeira de seu Tomás. Agora, deitado, **apertava** a barriga e **batia** os dentes.

19 **Olhou** o céu de novo. E ele, Fabiano, **era** como a bolandeira. Não **sabia** porquê, mas **era**.

20 ele, Fabiano, **seria** o vaqueiro daquela fazenda morta.

21 **Lembrou-se** dos filhos, da mulher e da cachorra, que estavam lá em cima, debaixo de um juazeiro, com sede. **Lembrou-se** do preá morto. **Encheu** a cuia, **ergueu-se**, **afastou-se**, lento, para **não derramar** a água salobra. **Subiu** a ladeira.

22 Sentiu um arrepio na catinga, uma ressurreição de garranchos e folhas secas. **Chegou**. **Pôs** a cuia no chão, **escorou-a** com pedras, **matou** a sede da família. Em seguida **acocorou-se**, **remexeu** o aió, **tirou** o fuzil, **acendeu** as raízes de macambira, **soprou-as**, **inchando** as bochechas cavadas. Uma labareda tremeu, elevou-se, **tingiu-lhe (META)** o rosto queimado, a barba ruiva, os olhos azuis.

23 ele, Fabiano, **seria** o vaqueiro, para bem dizer **seria** dono daquele mundo.

A partir dos trechos retirados do capítulo, podemos observar que a ocorrência de processos materiais em comparação aos outros tipos de processos é muito maior. Essa escolha pode ter sido feita para que a imagem de Fabiano como sertanejo fosse consolidada. Logo no primeiro trecho, vemos as escolhas lexicais feitas para caracterizar o personagem: “o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro.”

Fabiano é um homem, pai de família, sem educação, que tenta manter sua família a salvo da seca e da fome. Ele aparece como *Ator* na maioria dos processos materiais. É ele quem age, quem é o responsável pelo desenrolar dos processos: “**Chegou. Pôs** a cuia no chão, **escorou**-a com pedras, **matou** a sede da família.” Quando aparece como *Meta*, é vítima da natureza, da seca: “esquecendo as rachaduras que **lhe (META) estragavam** os dedos e os calcanhares.”. Suas rachaduras foram causadas pelas embiras secas, fibras de alguns arbustos, que se encontravam pelo caminho.

Há poucos processos relacionais, mas estes reforçam ainda mais a ideia expressa pelas escolhas do autor, já que têm como uma de suas funções representar seres no mundo

segundo suas características e identidade. No trecho 4, a oração “tinha um coração grosso” representa a figura de Fabiano, um homem rude, que mal sabia se expressar, por não conhecer bem as palavras, mas que tinha também sentimentos, um coração.

Os processos comportamentais escolhidos pelo autor auxiliam na consolidação da imagem que o próprio Fabiano tem de si mesmo: um bicho. Por exemplo, a escolha do processo “acocorar-se”, provavelmente designada da palavra onomatopeica que representa o canto da galinha (NASCENTE, 1955), em vez de “agachar-se”. A construção “debruçando-se no chão, bebeu muito”, no contexto em que está inserida, também solidifica a imagem de um animal sedento bebendo água.

Nos trechos 18 e 19, Fabiano se identifica com a bolandeira de seu Tomás, instrumento circular utilizado em grandes engenhos de açúcar, por exemplo, para impulsionar o movimento das pedras trituradoras. Era assim que o personagem se enxergava, como aquela roda a girar, trabalhando, sem sair daquele mesmo lugar, mas que, se parasse, interromperia toda a produção. Fabiano não podia parar, nem por ele nem por sua família.

Os trechos 20 e 23 expressam uma ideia de futuro que Fabiano tinha para si. Ele esperava se tornar algum dia um

vaqueiro. Ele se distancia da realidade em que se encontra, que é a de se ver como uma coisa.

Os sentimentos de Fabiano estão muito presentes e os processos mentais corroboram para essa percepção. Seus sentimentos de sertanejo e homem rude afloram logo no início quando o filho mais novo se senta e se recusa a se levantar e continuar caminhando, por se sentir cansado e muito fraco. O pai se irrita, grita, empurra o menino, a raiva aumenta, mas, ao olhar ao redor e perceber as circunstâncias, sente dó do filho e decide carregá-lo nos braços. Toda essa mudança está presente na sequência dos processos mentais: “desejou matá-lo”, “irritava-o”, “pensou”, “examinou”, “teve pena”.

Nos trechos 21 e 22, as ações de Fabiano como Ator têm início nos processos mentais em que ele é o Experienciador, o que corrobora a ideia de que Fabiano não era uma coisa, como ele mesmo se via, mas um ser humano, que pensa e sente.

Fabiano e sua família representam uma classe de pessoas que ainda sobrevivem no Brasil. Apesar de ter sido escrita em 1938, a obra de Graciliano Ramos ainda é muito atual. Muitos, como Fabiano, nem são vistos como homens, mas somente como “coisas”. A recorrência de processos materiais ajuda a construir a coisificação do personagem, e os

processos mentais são resquícios da ideia de que ainda há humanidade nele e de que é isso que ainda o move.

Essa obra traz grande crítica sobre a miséria e pobreza, ela dá voz aos que não têm. Pode-se perceber que só há um processo verbal nos trechos apresentados. Pode ser que seja justamente para promover a reflexão acerca da falta de voz do personagem, devido a sua falta de educação e de condições financeiras. Até hoje, mais de 80 anos depois de a obra ser escrita, ainda há muitos “invisibilizados”, como Fabiano, que não têm voz em nossa sociedade.

Não cabe aqui encerrar todas as possibilidades de análise, mas apresentar brevemente como um olhar por meio das ferramentas da Linguística Sistêmico-Funcional pode auxiliar na análise de textos.

## ***CONSIDERAÇÕES FINAIS***

A observação dos trechos apresentados, ainda que breve, proporcionou um melhor entendimento acerca da análise a partir do sistema de transitividade proposto pela LSF, que favorece uma leitura crítica, ampliando o olhar reflexivo do leitor, para que ele seja capaz de perceber, por meio dos

recursos léxico-gramaticais, as intenções do autor do texto ao construir seu personagem.

Conforme se pôde observar, a proposta da LSF tem muito a oferecer para um ensino mais produtivo da língua. O professor pode demonstrar como as relações entre recursos léxico-gramaticais estão intimamente ligadas aos efeitos produzidos pelo discurso, e como é imprescindível considerar os contextos nos quais o texto foi produzido.

## ***REFERÊNCIAS***

ANTUNES, I. **Análise de textos: fundamentos e práticas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

AZEREDO, J. C. **A linguística, o texto e o ensino da língua.** São Paulo: Parábola, 2018.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

HALLIDAY, M. e MATTHIESSEN, C. **An Introduction to Functional Grammar.** 4a. ed. London: Hodder Arnold, 2014.  
NASCENTES, Antenor. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: [s.n], 1955.

NEVES, Maria Helena Moura: **A gramática. História, teoria e análise, ensino.** São Paulo: UNESP, 2002.

NEVES, M. H. M. **Gramática Funcional:** interação, discurso e texto. São Paulo: Contexto, 2018.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas.** Rio de Janeiro: Record, 2020.

## *CAPÍTULO 6*

### **OS TEMAS (TRANS)VERSAIS E SEUS (CIS)TEMAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

**RESUMO:** O presente artigo busca uma revisão bibliográfica de conceitos encontrados nos Temas Transversais, na área da Orientação Sexual, presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997). Com o foco no desenvolvimento da temática Orientação Sexual, faz-se necessárias algumas atualizações de conceitos e dados, como: gênero, identidade de gênero, sexo biológico e orientação sexual, para os educadores estarem cientes da diversidade presente nessa temática, segundo apontamentos de Jaqueline Gomes de Jesus (2020), de Dayanna Louise dos Santos (2019) e Sofia Favero (2020). Mesmo com a criação da BNCC – Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) organizando os mais diversos campos pedagógicos no processo de ensino-aprendizagem na educação, que apresentam aspectos da diferença e da diversidade em suas distintas áreas, devido à constante perseguição moralista de poderes conservadores, muitas palavras e expressões importantes foram suprimidas deste importante documento. Precisamos constantemente lembrar que em uma sociedade em que a linguagem e as coisas nomeadas são e dão poder, a invisibilidade, o silêncio e o apagamento são opressões e violências. Com isso, conclui-se que as questões de gênero e sexualidade, assuntos abordados dentro da temática da Orientação Sexual, nos Temas Transversais, sempre fizeram parte do espaço escolar, mas cabe aos profissionais que atuam na Educação Básica não permitirem que esses temas surjam na escola a partir da perspectiva da violência e do preconceito, mas sim do conhecimento e da informação, propondo assim os princípios que orientam os Parâmetros Curriculares Nacionais: a dignidade da pessoa humana, igualdade de direitos, participação e corresponsabilidade pela vida social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Temas Transversais; Atualização; Gênero e Sexualidade; Educação Básica.

---

5 Márcie Vieira, de nome civil Márcio Luís Vieira Ramos.

**ABSTRACT:** This article seeks a bibliographical review of concepts found in Transversal Themes, in the area of Sexual Orientation, present in the National Curriculum Parameters (BRASIL, 1997). Focusing on the development of the Sexual Orientation theme, it is necessary to update concepts and data, such as: gender, gender identity, biological sex and sexual orientation, so that educators are aware of the diversity present in this theme, according to notes by Jaqueline Gomes de Jesus (2020), by Dayanna Louise dos Santos (2019) and Sofia Favero (2020). Even with the creation of the BNCC – Common National Curriculum Base (BRASIL, 2018) organizing the most diverse pedagogical fields in the teaching-learning process in education, which present aspects of difference and diversity in their different areas, due to the constant moralistic pursuit of conservative powers, many important words and expressions have been deleted from this important document. We must constantly remember that in a society where language and named things are and give power, invisibility, silence and erasure are oppression and violence. With this, it is concluded that the issues of gender and sexuality, addressed within the theme of Sexual Orientation, in Transversal Themes, have always been part of the school space. But it is up to the professionals who work in Basic Education, not to allow these themes to arise at school from the perspective of violence and prejudice, but rather from knowledge and information, thus proposing the principles that guide the National Curriculum Parameters: dignity of the human person, equal rights, participation and co-responsibility for social life.

**KEYWORDS:** Transversal Themes; Update; Gender and Sexuality; Basic Education.

## ***INTRODUÇÃO***

Uma formação continuada, que aprofunde os estudos nas questões de gênero e sexualidade, é de extrema importância para a garantia e valorização da informação e o conhecimento

acadêmico relacionados a essa temática, para que todos os corpos que compõem o espaço educacional sejam tratados com respeito e equidade. Desse modo, trabalhar com temáticas que atravessam o cotidiano de estudantes, corpo docente e demais profissionais que atuam na escola, torna-se vital para a qualidade do ensino e o respeito à diversidade. Porém, esse respeito à diversidade ainda não é uma realidade na maioria dos espaços educacionais, seja da rede pública ou particular, como é problematizado pela socióloga Bento:

A escola, que se apresenta como uma instituição incapaz de lidar com a diferença e a pluralidade, funciona como uma das principais instituições guardiãs das normas de gênero e produtora da heterossexualidade. Para os casos em que as crianças são levadas a deixar a escola por não suportarem o ambiente hostil, é limitador falarmos em “evasão”. (BENTO, 2011, p.551)

Como forma de combater essas desigualdades no espaço escolar, na estrutura do funcionamento da Educação Básica, é possível identificar, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), princípios que enfatizam a necessidade do desenvolvimento das noções de respeito e tolerância aos estudantes, em suas competências gerais:

7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar da sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2018, p.9-10)

Assim, para desenvolver a consciência de cidadãs e cidadãos, com direitos e deveres, a Base Nacional Comum Curricular foi desenvolvida como forma de organizar os mais diversos campos pedagógicos no processo de ensino-aprendizagem na educação, que apresentam aspectos da diferença e da diversidade em suas distintas áreas; porém, o MEC (Ministério da Educação) retirou da BNCC trechos que diziam que os estudantes teriam de respeitar a orientação

sexual, bem como suprimiu a palavra *gênero* em alguns trechos do documento, criando assim espaço para interpretações dúbias e excludentes.

Os Temas Transversais, foco desse estudo, potencializam formas e estratégias de atuar nas questões que surgem no cotidiano de estudantes, introduzindo temas sociais como: Saúde, Meio Ambiente, Orientação Sexual, Ética, Pluralidade Cultural, Trabalho e Consumo. Por isso, o presente artigo busca uma revisão bibliográfica dos Temas Transversais, pelo critério dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) já terem trabalhado com questões de gênero e sexualidade em documentos oficiais do MEC.

## ***1 GÊNERO E SEXUALIDADE***

Com o foco no desenvolvimento da temática Orientação Sexual, dentro dos Temas Transversais no cotidiano escolar, faz-se necessária algumas atualizações de conceitos e dados. Palavras como cisgênero, transgênero, identidade de gênero, homossexualidade e heterossexualidade precisam fazer parte do vocabulário, para que os educadores estejam cientes da diversidade presente na noção da Orientação Sexual, como bem é retratado pela psicóloga Jesus e o psicólogo Gaspodini (2020):

A lógica que sustenta a noção de orientação sexual é o binarismo do sistema “sexo = gênero”, que determina expectativas sociais de um alinhamento que pode ser representado por “macho-masculino-homem” *versus* “fêmea-feminino-mulher” (Butler, 1990). Segundo Suess (2014), ao longo das últimas décadas, perspectivas teórico-ativistas elaboradas por pessoas transexuais, travestis, transgênero e intersexo vêm permitindo refletir sobre os estudos que até então tratavam “sobre” essas pessoas, e que passam a debater sobre cidadania, interseccionalidade e reflexividade. (JESUS; GASPODINI, 2020, p.39)

A existência de preconceito e violência contra pessoas da comunidade LGBTQIA+ no Brasil se dá por uma constante imposição do binarismo, tanto de gênero quanto de sexo, criando assim uma “matriz heterossexual”, como propõe a filósofa norte-americana Butler (2003).

Como resultado desse projeto para a manutenção de apenas uma visão que exclui qualquer estudante que não se enquadre na norma vigente de “homem=masculino” e “mulher=feminino”, observamos o descaso da instituição Escola, permitindo que diversos dados que evidenciam a violência no espaço escolar sejam mantidos, repetidos e garantidos, como aponta a mestre em educação Santos:

A Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil (2016), coordenada pela Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT) em parceria com a Universidade Federal do Paraná, aponta que 60% dos/as estudantes LGBT sentiam insegurança na escola em decorrência de sua sexualidade, 73% foram agredidos verbalmente e 27% fisicamente. Sobre as medidas tomadas pela instituição de ensino, 54% dos/as estudantes alegaram omissão por parte da gestão, ou seja, a conjunção destes fatores favorece a “evasão” escolar, compreendida como afastamento do aluno do sistema de ensino e desistência das atividades escolares, sem solicitar transferência. (SANTOS, 2019, p. 10)

Pode-se observar, a partir destes dados citados por Santos (2019), que o ambiente educacional no Brasil é um espaço de manutenção das violências físicas e simbólicas, para os corpos dissidentes em decorrência da sexualidade e gênero. Assim, observando como as questões de gênero e sexualidade podem ser trabalhadas no Ensino Básico, neste estudo serão propostas algumas possibilidades de atuação para que professores possam operar com essa temática, articulando a promoção da saúde, acolhimento e respeito entre estudantes e equipe docente.

## ***2 ATIVIDADES E RECURSOS DE MATERIAIS TECNOLÓGICOS***

Para trabalhar questões de gênero e sexualidade na educação, proponho que o educador primeiramente domine as seguintes nomenclaturas: sexo biológico, gênero, identidade de gênero e orientação sexual, utilizando os termos e conceitos encontrados no livro *Orientações Sobre Identidade de Gênero*, da psicóloga Jesus (2012). É muito importante lembrar que todo pensamento se modela a partir das palavras, assim, só existindo aquilo, aquele ou aquela que é nomeado.

**1) Sexo Biológico** trata-se das definições biológicas referentes às características cromossômicas, hormonais, gonodais (órgãos sexuais internos) e órgãos genitais, entre: **a) o sexo macho:** identificado como XY, produzindo testosterona, possuindo testículos e o órgão genital pênis; **b) sexo fêmea:** identificado como XX, produzindo estrogênio, possuindo ovários e o órgão genital vagina; e **c) intersexo:** pessoas cujo desenvolvimento sexual corporal (cromossomos sexuais, hormônios sexuais, gônadas e genitália externa) não se encaixam na forma binária de macho e fêmea.

**2) Gênero** é a construção social e cultural que atribui e impõe determinadas características comportamentais para pessoas do sexo macho = masculino = homem, que serão diferentes das características comportamentais para pessoas do sexo fêmea = feminino = mulher. Dentro de uma **construção binária**, seriam apresentados esses dois gêneros: **homem e mulher**.

Ainda teríamos a **3) Identidade de Gênero**, diferenciando as pessoas **cisgêneras**, que se identificam com o gênero atribuído ao nascimento (ex.: mulher cisgênera possui o sexo biológico da fêmea e se identifica como uma mulher); das pessoas **transgêneras e ou transexual**, em que o prefixo *trans* significa “além de”; logo, essa pessoa identifica que seu gênero está além daquilo que foi determinado ao nascimento (ex.: mulher transgênera ou transexual possui o sexo biológico do macho e se identifica como mulher). Também existe a identidade de gênero **travesti**, que é uma identidade feminina, de contexto sócio-político brasileiro. Ainda, sabemos que existem também as pessoas que não se enquadram dentro dessa estrutura binária, podendo ser denominadas como **não-binárias, agêneras, gênero fluido e queer**.

**4) Orientação Sexual** refere-se a quem ou como uma pessoa possui, ou não, uma atração, desejo e afeto por outra ou outras pessoas, seja de forma romântica ou sexual. Podem ser: **a) Heterossexual:** se atrai pela pessoa do gênero oposto, como homem x mulher; **b) Homossexual:** se atrai pela pessoa do mesmo gênero, como homem x homem = **gay** ou mulher x mulher = **lésbica**; **c) Bissexual ou pansexual:** se atrai tanto por pessoas do mesmo gênero e do gênero oposto; **d) Assexual:** não possui atração sexual por nenhum dos gêneros, mas pode ser assexual romântico, desenvolvendo o desejo de afeto, sem a prática do ato sexual.

Com essas conceituações bem seguras para as professoras e os professores, das diferenças entre: **1) Sexo Biológico, 2) Gênero, 3) Identidade de Gênero e 4) Orientação Sexual**, incluindo de fato toda a diversidade, torna-se possível que os Temas Transversais possam ir além de atividades que debatem apenas as doenças sexualmente transmissíveis, sem sequer explorar as diferentes formas em que o relacionamento sexual e afetivo possam se manifestar em cada sujeito. Dessa forma, passa a ser possível investigar e propor atividades para refletir todo o campo da **Igualdade de Gênero**, o **Feminismo**, os **Estereótipos de Gênero**, a **LGBTfobia**, escolhendo histórias para leituras que apresentem a diversidade em os personagens e

suas relações; apresentando filmes e documentários que reflitam os desafios da comunidade LGBTQIA+ e mostrem a importância da visibilidade e representatividade; e utilizando referências teóricas de pesquisadoras e pesquisadores trans e travestis – como é realizado na construção desse artigo, assim retratando como essas temáticas irão interferir na vida e no futuro de cada estudante, inclusive na escolha de suas profissões.

## ***CONCLUSÃO***

Precisamos constantemente lembrar que numa sociedade em que a linguagem e as coisas nomeadas são e dão poder, a invisibilidade, o silêncio e o apagamento são opressões e violências. O trabalho pedagógico com os Temas Transversais é um importante dispositivo que orienta o processo de ensino-aprendizagem, permitindo que as mais distintas vivências e realidades estejam nomeadas e presentes no espaço escolar.

Os desafios são muitos, principalmente em uma sociedade que ainda não se constrói de forma laica, respeitando todas as formas de conhecimentos, sejam religiosas, populares, filosóficas ou acadêmicas. Mas é preciso que as professoras e os professores estejam aptos a dar esse

passo consciente, frente a uma verdadeira inclusão da diversidade, como aponta a psicóloga Favero:

As questões sobre gênero e infância são múltiplas e podem nos guiar diante de um projeto de saúde que esteja pautado em diretrizes sólidas que se relacionam aos direitos humanos, não um vício psicopatológico. Tais crianças nos mostram, portanto, que o que está em jogo não é simplesmente uma curiosidade sobre a infância ou uma exotificação da diferença no desenvolvimento, mas, sobretudo, uma possível agenda coletiva que considere os distintos atravessamentos que uma normativa adultez tem direcionado àqueles que ousaram nascer ou se constituir sem estar parecido com os demais. (FAVERO, 2020, p. 2305)

Com isso, concluo que as questões de gênero e sexualidade, assuntos abordados dentro da temática da Orientação Sexual, nos Temas Transversais, sempre fizeram parte do espaço escolar. Mas, cabe aos profissionais que ali atuam, não permitir que esses temas surjam na escola a partir da perspectiva da violência e do preconceito, mas sim do conhecimento e da informação, propondo assim os princípios que orientam os Parâmetros Curriculares Comuns: a dignidade da pessoa humana, igualdade de direitos, participação e corresponsabilidade pela vida social.

## **REFERÊNCIAS**

BENTO, Berenice. **Na escola se aprende que a diferença faz a diferença.** Estudos Feministas, Florianópolis, 19(2): 548-559, maio-agosto/2011.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Brasília: MEC. 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_20dez\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf).

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FAVERO, Sofia *et al.* **A ciência que vigia o berço: diferentes leituras de “saúde” frente a crianças trans e crianças intersexo.** ISSN: 2595-3206. v. 3 n. 9 (2020): REBEH V.3 N.9 (2020)

JESUS, Jaqueline Gomes. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos.** 2ª Edição – revista e ampliada. Brasília, 2012. Disponível em: <http://www.sertao.ufg.br>

JESUS, Jaqueline Gomes; GASPODINI, Icaro Bonamigo. **Heterocentrismo e ciscentrismo: crenças de superioridade sobre orientação sexual, sexo e gênero.** Revista Universo Psi, Taquara, 2020, 1(2), 33-51.

SANTOS, Dayanna Louise dos. **“Sobrevivi para contar”**: trajetórias escolares transgêneras na educação de jovens, adultos e idosos (EJAI). 2019. 147f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Educação, Pós-Graduação em Educação, Curso de Mestrado em Educação, Recife, 2019.

## *CAPÍTULO 7*

### **ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NAS NOMEAÇÕES DAS GENITÁLIAS**

SILVA, Vitória Laís Santos  
Universidade Federal de Sergipe  
vitorialaisufs@gmail.com

FREITAG, Raquel Meister Ko  
Universidade Federal de Sergipe  
rkofreitag@uol.com.br

**RESUMO:** Construções linguísticas que se referem aos órgãos sexuais são condenadas por determinados grupos sociais, tendo em vista que a sexualidade é encarada como tema/tabu por grupos mais conservadores. Esse conservadorismo afeta diretamente o público feminino, fazendo com que a desigualdade sofrida pelas mulheres tenha reflexo na língua. No presente estudo abordamos discussões relativas a gênero, sexismo e estereótipos, relacionando-as com a carga semântica posta nas nomeações dos genitais. A fim de pontuar os estereótipos de gênero imbricados nos termos em análise, fizemos uma pesquisa no site “Dicionário inFormal” e pesquisamos os resultados dos sinônimos das palavras “pênis” e “vagina”. Entre as nomeações encontramos um contraste de aumentativo para genitálias masculinas e diminutivo para genitálias femininas, além de rigidez para masculino e delicadeza para o feminino.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estereótipos; Órgãos genitais; Gênero; Sexismo.

**ABSTRACT:** Linguistic constructions that refer to organs sexual organs are condemned by certain social groups, considering that sexuality is seen as a topic/taboo by more conservative groups. This conservatism directly affects the female audience, making the inequality suffered by women reflect on the language. In the present study, we approach discussions related to gender, sexism and stereotypes, relating them to the semantic load placed on the

naming of the genitals. In order to punctuate the gender stereotypes that overlapped the terms under analysis, we performed a search on the website “inFormal Dictionary” and searched for the results of synonyms for the words “penis” and “vagina.” Among the nominations we found an augmentative contrast for male genitalia and diminutive for female genitalia, in addition to rigidity for male and delicacy for female.

**KEYWORDS:** Stereotypes; Genitals; Gender; Sexism.

## *INTRODUÇÃO*

A Psicologia Social, do ponto de vista do indivíduo, estuda a influência que o grupo social tem na conduta dele de forma individual. Essa conduta pode ser mensurada pelos julgamentos e percepções que os indivíduos realizam por meio da língua, uma vez que essa língua é compreendida enquanto conjuntos de signos linguísticos, mas também é reconhecida por seus aspectos cognitivos (representações mentais do processamento das informações) e aspectos sociais (pelo fato de os indivíduos estarem inseridos dentro de um determinado grupo social).

A partir do momento que os indivíduos estão inseridos dentro de um grupo social, a língua torna-se o meio para externar as crenças, os valores e as atitudes que os falantes fazem sobre qualquer assunto ou ideia compartilhada por este

grupo. Nesta perspectiva, as construções linguísticas que se referem aos órgãos sexuais, por exemplo, são condenadas e censuradas por determinados grupos, já que a sexualidade é encarada como tema/tabu para muitos grupos sociais, os quais se preocupam em manter padrões moralistas conservadores. Esse conservadorismo e imposição da moral afeta diretamente o público feminino, que é privado de assuntos voltados à sexualidade devido a toda carga histórica de repressão e opressão de uma sociedade sexista.

A desigualdade sofrida pelas mulheres por conta da superioridade imposta pelos homens tem reflexo na língua, pois determinadas escolhas linguísticas estereotipam o público feminino. Este processo de estereotipia é o resultado de categorizações e funções sociais desempenhadas pelos grupos sociais, sendo reflexo do meio. Os falantes constituem representações mentais de gênero para homem e para mulher, baseados nos modelos de comportamento esperados de “ser homem” e de “ser mulher” na dinâmica social ocidental/judaico-cristã, e associam suas práticas a modelos preestabelecidos *a priori*, dentre os quais a produção do efeito de sentido da sexualidade é preestabelecida enquanto prática-tabu (PINHEIRO *et al.*, 2020). Com base nas questões elencadas acima, no presente estudo pretendemos abordar discussões relativas a gênero, sexismo e estereótipos, relacionando-as com a carga

semântica que engloba as nomeações dos órgãos genitais, focalizando a problemática da dominância masculina frente ao público feminino e considerando que a desigualdade de gênero é marcada linguisticamente.

### ***GÊNERO, SEXISMO E ESTEREÓTIPOS***

Desde a década de 1990, com os estudos de Butler (1990), a nova abordagem para estudo de gênero se dá a partir do conceito de construção social, em que se pressupõe que a identidade de gênero é vista como uma construção social e fluida, assim como qualquer outra categoria social. Consoante Freitag (2015), assim como a idade, sexo é uma categoria biológica que baliza normas, papéis sociais e expectativas em todas as sociedades. E por conta do traço social, é mais apropriado falar em gênero do que em sexo, visto a incompletude da definição dos indivíduos pelo sexo biológico, já que essa classificação não atende à complexidade das relações sociais contemporâneas. (FREITAG, 2015).

Os estudos sobre gênero são o resultado da necessidade de se repensar a posição feminina na sociedade, defendendo que as relações entre os gêneros não podem estar apoiadas na subordinação da mulher pelo homem. No entanto, devido à

forte imposição patriarcal, o sexismo ainda está imbricado na sociedade e, portanto, na língua. No campo da percepção, o sexismo é uma atitude de discriminação em relação às mulheres, uma vez que estamos inseridos em uma “cultura falocrática” na qual permeia no imaginário social um vasto conjunto de representações sociais partilhadas que desprezam, desqualificam e violentam as mulheres, tornando-as pessoas de menor prestígio social (VON SMIGAY, 2002).

A sociedade patriarcal determina características para homens e para mulheres, encaminhando o homem ao controle das instituições econômicas, legais e políticas e, a mulher, ao cuidado da casa e dos filhos e a satisfação da sexualidade do marido. Essa construção social das visões dominantes leva alguns grupos a categorizarem os gêneros e criarem estereótipos, em que se desenvolvem representações de masculinidade associadas à figura do homem como forte, dominador e responsável pelo sustento da família e representações de feminilidade relacionadas à mulher como uma pessoa dócil, submissa e responsável pelo lar e pela prole.

O estereótipo de gênero, consoante D’Amorim (1997, p. 122) é, pois, “o conjunto de crenças acerca dos atributos pessoais adequados a homens e mulheres, sejam essas crenças individuais ou partilhadas”. A ideologia patriarcal, caracterizada pela

supremacia e a dominação masculinas, reforça os papéis sociais assinalados aos gêneros e, conseqüentemente, os estereótipos associados a tais papéis (MESQUITA FILHO *et al.*, 2005). Para Bourdieu (2012) a diferença biológica entre o corpo masculino e o corpo feminino e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos genitais, pode ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros. Nessa perspectiva, os termos referentes aos órgãos genitais também carregam estereótipos de gênero.

### ***ÓRGÃOS GENITAIS E TABU LINGUÍSTICO***

A relação entre dominação masculina e sexualidade atinge diretamente as discussões sobre tabu linguístico, conceituado como tudo aquilo que não pode ser usado, feito ou pronunciado, por crença, respeito ou pudor (MARINHO, 2009 *apud* ORSI; ZAVAGLIA, 2012). Em variados grupos humanos tudo o que se refere à sexualidade é objeto de proibições. Assim, o tabu indica algo fruto de proibição e, ao mesmo tempo e por esse motivo, objeto de desejo, é sinônimo de transgressão, estipula o que é autorizado e o que não se permite em determinada sociedade (ORSI, 2013).

Os tabus linguísticos se baseiam justamente na desvalorização e desprestígio de determinados termos, tornando-se fruto de proibições morais de se dizer certo nome ou certa palavra, haja vista a repulsa por enunciar determinada unidade lexical, como por exemplo, os nomes dos órgãos genitais (ORSI, 2007). O léxico erótico-obsceno, relativo aos nomes atribuídos aos órgãos sexuais, é concebido como uma variante vulgar e por se situar no campo dos tabus linguísticos morais e de baixo prestígio social, pode exprimir falta de cortesia, de decoro e desrespeito (ORSI; ZAVAGLIA, 2012). Sendo um campo lexical altamente estigmatizado, os órgãos sexuais masculino e feminino passam a ser designados por metáforas, como nomes de objetos, animais e até por nomes próprios, através da personificação. Orsi e Zavaglia (2012) explicam esse fenômeno destacando que, frequentemente, a palavra tabu é abandonada e introduz-se um substituto “inofensivo”, um eufemismo, isto é, um abrandamento de sentido, uma neutralização de conotações desagradáveis ou censuradas.

Sabendo de toda a carga histórica desfavorável e cruel em relação às mulheres, o estigma sexual que permeia as nomeações referentes às genitálias afeta diretamente, e com muito mais força, o público feminino. Assim, as metáforas e eufemismos denotam sentidos valorativos diferentes para o

órgão genital masculino frente ao feminino e esses sentidos abarcam estereótipos de gênero.

## ***OS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NAS NOMEAÇÕES DAS GENITÁLIAS***

A fim de pontuar os estereótipos de gênero imbricados nas nomeações das genitálias, fizemos uma pesquisa no site “Dicionário inFormal”, um dicionário de português gratuito para internet em que as palavras são definidas pelos usuários. Ou seja, o site considera os contextos reais de comunicação, sem se limitar à gramática normativa. Assim, palavras não reconhecidas em dicionários mais formais são abarcadas pelo Dicionário inFormal.

Utilizamos a aba de sinônimos e pesquisamos os resultados trazidos para as palavras “pênis” e “vagina”. O dicionário contabiliza 344 e 347 palavras sinônimas, respectivamente, dos termos *pênis* e *vagina*. Fizemos o recorte de alguns mais conhecidos para a análise. Encontramos os seguintes termos:

<b>Nomeações sinônimas ao pênis</b>	<b>Nomeações sinônimas à vagina</b>
---	---

Minhocão	Xaninha
Lascão	Xoxotinha
Porrão	Bacurinha
Pintão	Custosinha
Caralho	Gulosinha
Tora	Bueiro
Trolha	Cabaça
Benga	Mede Rola
Jeba	Depósito de Porra
Trombudo	Engole Espada
Jiromba	Quebra Pinto
Ferro	Princesa
Pau	Lindinha
Madeira	Florzinha
Vara	Menininha
Mastro	Pimpolha
Espada	Acolhedora
Cacete	Receptora
Chibata	
Porrete	
Pistola	
Ferramenta	

A superioridade e inferiorização podem ser indicadas pelo uso de aumentativos e diminutivos, como se observa nos termos “Minhocão”, “Lascão”, “Porrão”, “Pintão”, referentes ao órgão genital masculino e “Xaninha”, “Xoxotinha”, “Bacurinha”, “Custosinha” e “Gulosinha”, referentes ao órgão genital feminino. Além disso, termos como “Caralho”, “Tora”, “Trolha”, “Benga”, “Jeba”, “Trombudo”, “Jiromba”, mesmo sem o aumentativo, demonstram certa exaltação à genitália dos homens, ao passo que termos como “Bueiro” e “Cabaça” menosprezam à genitália das mulheres, denotando baixeza e desprezo.

Lane (1985, p. 9) defende que “as palavras, através dos significados atribuídos por um grupo social, por uma cultura, determinam uma visão de mundo, um sistema de valores e, conseqüentemente, ações, sentimentos e emoções decorrentes”. Assim, refletindo o aspecto social, essa significação carrega discriminações devido à construção do “ser homem” e “ser mulher”, que é embasada num conceito binário dos gêneros, fortalecido pela instituição Igreja, e cercada de estereótipos, por exemplo: homens são, desde a infância, incentivados a desenvolver atitudes competitivas, agressivas e demonstrar poder pela força física, que é usada como recurso para manter as mulheres “em seu lugar” de inferioridade e submissão (Vilhena, 2009 *apud* MESQUITA FILHO *et al*, 2005). Dessarte, atribuem-

se estereótipos de virilidade e rigidez aos homens, que estão presentes em termos referentes ao órgão genital masculino como “Ferro”, “Pau”, “Madeira”, “Vara”, “Mastro”, que abarcam o sentido de força e dureza. Em contrapartida, os termos “Mede Rola”, “Depósito de Porra”, “Engole Espada” e “Quebra Pinto”, referentes ao órgão genital feminino, perpassam a submissão das mulheres aos homens, pois são derivados das nomeações atribuídas ao pênis, demonstrando que a genitália feminina existe em função da genitália masculina.

Ademais, os estereótipos, quando associados ao gênero, agrupam características da personalidade em dois grandes grupos segundo a similaridade do traço com a construção sociocultural dos conceitos de masculinidade e feminilidade. Assim, traços individualistas ou instrumentais (por exemplo: independente, agressivo, racional) caracterizam-se como sendo pertinentes à masculinidade e traços coletivistas ou expressivos (por exemplo: amorosa, sensível, delicada) como pertinentes à feminilidade (MESQUITA FILHO *et al*, 2005). Os traços instrumentais podem ser observados nos termos “Espada”, “Cacete”, “Chibata”, “Porrete”, “Pistola” e “Ferramenta”, referentes à genitália masculina, demonstrando estereótipos de agressividade. Os termos atribuídos à genitália feminina, como “Princesa”, “Lindinha”, “Florzinha”, “Menininha” e “Pimpolha”, possuem os traços expressivos,

indicando delicadeza e sensibilidade, e “Acolhedora” e “Receptora” os coletivistas, indicando cuidado. Tais traços demonstram os estereótipos, relativos à maternidade e ao casamento, que permeiam as mulheres e determinam que elas devem ser sensíveis, amorosas, cuidadosas, joviais e delicadas, para cuidarem dos filhos e agradarem seus maridos.

### *CONSIDERAÇÕES FINAIS*

Por conta do impedimento em usar alguns termos, devido ao tabu presente na sociedade moralista, a criatividade dos usuários da língua é estimulada, e estes criam nomes metafóricos para se referirem aos órgãos genitais que, por vezes, são inacessíveis ao entendimento daqueles menos avisados e englobam alguns sentidos que quase sempre passam despercebidos. Nessa esteira, as genitálias são um campo fértil para a invenção, a construção do novo. Esse novo, por sua vez, abarca uma realidade sexista que perdura por centenas de anos, em que a masculinidade é sempre sinônimo de superioridade, fazendo com que o feminino esteja sempre na condição de submissão.

Assim, entre a vasta variação para nomeação dos órgãos genitais, é percebido um contraste de aumentativo para

genitálias masculinas (porrão, pintão, minhocão, lascão) e diminutivo para genitálias femininas (xoxotinha, xaninha, gulosinha, custosinha). Além de rigidez para masculino (espada, pistola, ferramenta) e delicadeza para o feminino (lindinha, princesinha, florzinha). Essa variação é reflexo de uma sociedade patriarcal, baseada em princípios cristãos, em que muitos grupos sociais seguem e perpetuam o “ser homem” e “ser mulher”. Verifica-se, consoante ao apresentado, que a linguagem envolve problemáticas sociais e, portanto, reflete os preconceitos e estereótipos através de determinados usos linguísticos. Com o presente estudo observamos que a desigualdade de gênero é marcada linguisticamente.

## ***REFERÊNCIAS***

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUTLER, J. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. New York: Routledge, 1990.

D'AMORIM, M. A. Estereótipos de gênero e atitudes acerca da sexualidade em estudos sobre jovens brasileiros. **Temas em Psicologia**. v. 5, n. 3. Ribeirão Preto, 1997.

DICIONÁRIO INFORMAL. c2006-2020. Sinônimos. Disponível em: < <https://www.dicionarioinformal.com.br/>> Acesso em: 12 de agosto de 2020.

FREITAG, R. M. K. (RE) Discutindo sexo/gênero na sociolinguística. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. **Mulheres, linguagem e poder**: estudos de gênero na sociolinguística brasileira. São Paulo: Blucher, 2015.

LANE, S. T. M. **O que é psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MESQUITA FILHO, M. M. et al. Estereótipos de gênero e sexismo ambivalente em adolescentes masculinos de 12 a 16 anos. **Saúde Soc.** v. 20, n. 3, p. 554-567, 2011.

ORSI, V. O léxico tabu: usos e aspectos socioculturais. **Entreletras**, v. 4, n. 2, 200-216, 2013.

ORSI, V.; ZAVAGLIA, C. Itens lexicais tabus: “usá-los ou não. Eis a questão. **Todas as Letras**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 156-166, 2012.

PINHEIRO, B. F. M.; MENEZES, L. C. F.; FREITAG, R. M. K. Palavras-tabu e efeitos de gênero na leitura. p. 247-262. In: **Processos Psicossociais de Exclusão Social**. São Paulo: Blucher, 2020.

PRAUN, A. G. Sexualidade, gênero e suas relações de poder. **Revista Húmus**, n. 1, 2011.

TAJFEL, H. Estereótipos sociais e grupos sociais. Em H. Tajfel (eds). In: **Grupos humanos e categorias sociais**, v. 1. Livros Horizontes, p. 150-180, 1981.

VON SMIGAY, K. E. Sexismo, homofobia e outras expressões correlatas de violência: desafios para a psicologia política. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 8, n. 11, p. 32-46, jun. 2002.

## *CAPÍTULO 8*

### **SAÚDE TEM GÊNERO?**

# O QUE DIZEM AS POLÍTICAS NACIONAIS DE SAÚDE VOLTADAS A MULHERES, HOMENS E LGBTs

BROILO, Rodrigo  
Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ  
rbroilo@gmail.com

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde  
Pós-Doutora em Ciências Sociais, Centro de Educação e Humanidades – UERJ helianaconde@uol.com.br

**RESUMO:** Ao longo das últimas décadas, com o estabelecimento do Sistema Único de Saúde, ocorreram mudanças no modo como entendemos a saúde em nossa sociedade e sobre o tipo de atenção que lhe dispensamos. A saúde passa a ser não apenas a ausência de doenças, mas uma relação equilibrada entre diferentes determinantes biopsicossociais. Com isso surgem novas Políticas Públicas visando não só o tratamento e a recuperação das doenças, como sua prevenção e a promoção de saúde. Associadas ao conceito de Integralidade, que defende que o ser humano deve ser atendido na sua totalidade, contemplando suas dimensões, características e necessidades específicas, surgiram Políticas Nacionais de Saúde com foco integral para populações específicas, entre elas as caracterizadas por gêneros. Mas, se saúde tem gêneros, que gêneros são esses? Mediante uma análise documental das Políticas de Atenção Integral à Saúde de Mulheres, Homens e LGBTs, com embasamento em estudos de gênero e da teoria queer, realiza-se uma análise crítica do discurso, buscando verificar de que forma

noções de gênero e sexualidade são abordadas nos referidos documentos. Na contemplação da diversidade de possibilidades de cada pessoa vivenciar seu gênero e sua sexualidade, políticas definidas em binômios como Mulher e Homem são suficientes? Para aqueles que escapam dessa norma binária, uma política identitária LGBT é suficiente?

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero; Políticas Públicas; Saúde; Teoria *queer*; Discurso.

**ABSTRACT:** Over the last few decades, especially with the establishment of the Unified Health System, changes have occurred in the way we understand health in our society and in the type of care we provide. Health becomes not only the absence of disease, but a balanced relationship between different biopsychosocial determinants. With this, new Public Policies arise, aiming not only at the treatment and recovery of diseases, but also at their prevention and health promotion. Associated with the concept of Integrality, which defends that the human being must be attended to in its entirety, broadly contemplating their specific dimensions, characteristics and needs, National Health Policies emerged with an integral focus on some specific populations, including those characterized by gender. But if health has genders, which genres are these? Through a document analysis of Integral Health Care Policies for Women, Men and LGBTs, based on gender studies and queer theory, a critical discourse analysis is carried out, seeking to verify how notions of gender and sexuality are addressed, reinforced or expanded in the referred documents. In contemplating the diversity of possibilities for each person to experience their gender and sexuality, are policies defined in binomials such as Woman and Man sufficient? For those who escape this binary norm, is an LGBT identity policy sufficient?

**KEYWORDS:** Gender; Public Policies; Health; Queer theory; Discourse.

## ***INTRODUÇÃO***

O presente artigo faz parte da pesquisa em andamento no Mestrado em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), na qual examino de que forma discursos sobre gênero são difundidos pelos documentos das Políticas Nacionais de Saúde. Atualmente são três as Políticas Nacionais de Atenção Integral à Saúde direcionadas a públicos específicos marcados por gênero: a dirigida à Mulher (PNAISM), de 2004; ao Homem (PNAISH), de 2008; e a voltada a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (PNSILGBT), de 2011 (BRASIL, 2004; 2008; 2013).

Meu interesse nesta pesquisa perpassa minha vivência enquanto homem homossexual. Se uma política de saúde como a PNSILGBT me abarca enquanto gay, a PNAISH faz o mesmo enquanto homem? Qual política me contempla? Uma ou outra? As duas? Nenhuma? Essas perguntas suscitam outras: Se saúde tem gêneros, que gêneros são esses? Quem está contemplado nesses documentos? Visando tal discussão, definem-se as políticas públicas como um instrumento no qual “os governos traduzem seus propósitos em programas e ações, que produzirão resultados ou as mudanças desejadas no mundo real” (SOUZA, 2003, p. 13), e recorre-se ao conceito de saúde como uma noção

ampliada de bem-estar biopsicossocial, conforme presente na lei 8.080 de 1990 que institui o SUS – Sistema Único de Saúde (BRASIL, 1990).

## ***1 METODOLOGIA***

Para tentar cobrir a amplitude de discussões que emergem da associação entre Políticas Públicas, Saúde e Gênero, opto na pesquisa de mestrado por uma associação entre pesquisa bibliográfica, análise documental e análise do discurso em vertente genealógica, ou seja, tomado como estratégia, e não como representação. Entendendo que o gênero se espalha rizomaticamente nas políticas de saúde, para este trabalho em específico aponto exemplos de discursos que considero significativos para a discussão, trazendo citações de cada uma das três políticas, e análises de como elas apontam para um dos principais pressupostos da teoria *queer*, que é a crítica ao sistema sexo-gênero e à heteronormatividade (heterossexualidade enquanto norma/normal e compulsória) produzidos por meio de discursos (MISKOLCI, 2009).

Entendemos aqui a teoria *queer* como apresentada por Spargo (2017, p.13), ou seja, não como um arcabouço intelectual fechado e estanque, mas como um “acervo de engajamentos intelectuais com as relações entre sexo, gênero e desejo sexual”.

## ***2 RESULTADOS E DISCUSSÕES***

“O gênero é uma construção social sobreposta a um corpo sexuado. É uma forma primeira de significação de poder” (BRASIL, 2004, p. 12). Esta é uma das formas como o gênero aparece na PNAISM: sobreposto a um corpo, corpo esse sexuado. O gênero está inscrito socialmente, tem relação com “atributos, papéis, crenças e atitudes que definem o que significa ser homem ou ser mulher” (BRASIL, 2004, p. 12). A política aponta as diferenças, e até as desigualdades relacionadas aos gêneros, mas sempre associadas a um corpo e a um sexo. Num dos excertos, diz-se:

Também no caso dos problemas de saúde associados ao exercício da sexualidade, as mulheres estão particularmente afetadas e, pela particularidade biológica, têm como complicação a transmissão vertical de doenças como a sífilis e o vírus HIV, a mortalidade materna e os problemas de morbidade ainda pouco estudados (BRASIL, 2004, p. 25).

Este é um dos trechos ilustrativos da caracterização da identidade mulher em que se estabelece uma relação cis-heteronormativa: um sexo (notadamente uma genitália) está presente num corpo, interpretado como de determinado gênero, e

que exerce sua sexualidade de forma reprodutiva. O trecho ainda identifica mulheres como aquelas que, por uma particularidade biológica, podem parir. No caso apresentado, podem contaminar seus filhos (ISTs), o que contribui para uma invisibilização de mulheres trans e travestis, sequer citadas, pois *mulher*, de acordo com o documento, é aquela que engravida e dá à luz. A mulher continua a ser entendida como aquela que possui o conjunto vagina-útero-ovário e dele faz uso, o que exclui não só mulheres que não possuem esse sistema reprodutivo (inclusive intersexos), como as que por algum problema ou por escolha não se tornam mães. Corroborava também o pressuposto de que a preocupação em saúde, no caso de mulheres mães, mais do que com a própria mulher, reside na segurança da gravidez, como já ocorria antes dos primeiros programas brasileiros de saúde da mulher (MEDEIROS; GUARESCHI, 2009). Já a teoria *queer* critica tanto a normalização da sexualidade como destinada a fins reprodutivos, quando a visão estritamente heterossexista da mesma (MISKOLCI, 2009).

Percebe-se, assim, que o discurso de gênero ainda está associado a um discurso biologicista sobre os ciclos de vida de um corpo entendido como de mulher e da sua função reprodutiva (MEDEIROS; GUARESCHI, 2009). Em outro trecho da política, destaca-se a mesma característica: “O gênero delimita campos de atuação para cada sexo” (BRASIL,

2004, p. 12). Além da maternidade, não só mostrando como reforçando tal característica, a mulher descrita na política é a que cuida de si e dos outros.

Em relação à PNAISH, o gênero sempre aparece associado a outros termos: estereótipos de gênero, modelos culturais de gênero, identidades de gênero, relações de gênero, enfoques de gênero. Porém, homem e masculinidade não são apresentados como gênero. O gênero é, portanto, o que se faz dele: modelos, estereótipos, enfoques, etc. Homens não têm gênero. Como no senso comum, quando falamos de gênero na PNAISH, estamos falando de mulheres; quando falamos de identidade de gênero, de pessoas trans.

Cumpramos ressaltar que a PNAISH não surge das demandas de movimentos sociais, como a PNAISM e a PNSILGBT, mas dos interesses da Sociedade Brasileira de Urologia. Embora seja previsível que apareçam temas contundentes da saúde do homem, como a violência, os acidentes ou o alcoolismo, a política, no caso, toma um viés falocêntrico. O homem não é apenas aquele que possui um pênis, mas um pênis que se torna ereto, potente e “funcional”. Exemplo disso é o fenômeno do Viagra das décadas de 1990 e 2000 (MARTINS; MALAMUT, 2013). Estereótipos relativos aos papéis dos homens na sociedade proliferam:

Uma questão apontada pelos homens para a não procura pelos serviços de saúde está ligada à sua posição de provedor. Alegam que o horário do funcionamento dos serviços coincide com a carga horária do trabalho. Não se pode negar que na preocupação masculina a atividade laboral tem um lugar destacado, sobretudo em pessoas de baixa condição social o que reforça o papel historicamente atribuído ao homem de ser responsável pelo sustento da família. (BRASIL, 2008, p. 6).

O homem se torna, assim, o ser de pênis (ereto e funcional, de preferência) que não tem tempo de cuidar da saúde porque está trabalhando em horário comercial para sustentar sua mulher-mãe e filhos. Homens trans e pessoas que não possuem o sistema pênis-testículos-próstata são sistematicamente excluídos pela política. Além disso, o homem provedor é mostrado e reforçado como o correlato binário da mulher que cuida (inclusive desse homem). Uma das principais consequências disso é que, ao não procurar os serviços de atenção básica por falta de tempo e em decorrência do pensamento mágico de invulnerabilidade masculina, o homem acessa majoritariamente serviços das atenções secundária ou terciária, seja devido a complicações ou morbidades não tratadas, seja pela violência fruto de uma visão tóxica de masculinidade, o que acarreta custos mais

elevados ao SUS (CARRARA; RUSSO; FARO, 2009). A sexualidade do homem e a da mulher aparecem reguladas por uma rede de discursos que lhes atribui papéis e padrões de *saudável* ou de *patológico*, em um dispositivo histórico de regulação dos corpos e prazeres (MISKOLCI, 2009).

Quando falamos da política para LGBTIs, os “outros” do binarismo homem-mulher, novamente verificamos questões de cis-heteronormatividade:

A condição de LGBT incorre em hábitos corporais ou mesmo práticas sexuais que podem guardar alguma relação com o grau de vulnerabilidade destas pessoas. No entanto, o maior e mais profundo sofrimento é aquele decorrente da discriminação e preconceito. São as repercussões e as consequências destes preconceitos que compõem o principal objeto desta Política (BRASIL, 2013, p. 16).

Divisamos aqui a naturalização de uma condição LGBTI como aquela que incorre em hábitos corporais, ou mesmo em práticas sexuais (não especificadas) que seriam possíveis condições de vulnerabilidade das pessoas que se identificam como pertencentes à ampla variedade de identidades incluídas na insuficiente sigla LGBTI. Segundo o texto em análise, há uma relação de causalidade entre ser LGBTI, realizar determinadas

práticas corporais e sexuais e estar em vulnerabilidade. Porém só a vulnerabilidade aparece situada na esfera da possibilidade, enquanto as práticas corporais e sexuais são uma direta “incorrência”. Cumpre não só problematizar a existência de uma, e única, condição LGBTI, dentre tantas identidades que compõem a sigla, como indagar se é essa condição que determina os ditos hábitos corporais e práticas sexuais que podem gerar vulnerabilidade. De qualquer forma, o objeto da Política, segundo sua própria formulação, são as consequências e repercussões decorrentes do preconceito e da discriminação. A que ponto a primeira frase da citação simplesmente ilustra a segunda?

Estas discussões remetem aos conceitos de saber-poder e, inclusive, a indagar, com Foucault (2005), o quanto as próprias políticas constituem dispositivos de biopoder:

[...] de um lado, a sexualidade, enquanto comportamento exatamente corporal, depende de um controle disciplinar, individualizante, em forma de vigilância permanente (e os famosos controles, por exemplo, da masturbação que foram exercidos sobre as crianças desde o fim do século XVIII até o século XX, e isto no meio familiar, no meio escolar, etc., representam exatamente esse lado de controle disciplinar da sexualidade); e depois, por outro lado, a sexualidade se insere e adquire efeito, por seus efeitos procriadores, em processos biológicos

amplos que concernem não mais ao corpo do indivíduo mas a esse elemento, a essa unidade múltipla constituída pela população. A sexualidade está exatamente na encruzilhada do corpo e da população. Portanto, ela depende da disciplina, mas depende também da regulamentação (FOUCAULT, 2005, p. 300).

Percebe-se que na relação estabelecida com os corpos surgem, nas políticas, tentativas de regulação através dos discursos, enquadrando-os entre homens e mulheres, delimitando quais características são inerentes a cada uma dessas identidades e varrendo para uma “condição” LGBTI as demais possibilidades. Reafirma-se assim uma eterna oposição entre a cis-heteronormatividade e o *queer* (abjeto) para a construção de uma ordem social onde o cis-hetero não só é o normal, mas o natural, enquanto os demais são patológicos (MISKOLCI, 2009; SPARGO, 2017).

## ***CONSIDERAÇÕES FINAIS***

O trecho da pesquisa aqui apresentada não se encerra nem esgota a temática; ao contrário, vem se somar às prolíficas investigações no campo do gênero, da saúde e de políticas públicas, num engajamento ao *corpus* inacabado e interminável da própria teoria *queer* (SPARGO, 2017). Mas vale frisar que em todas as políticas examinadas há um viés biologicista, apesar das

discussões de gênero se dizerem presentes. A visão *cis-heteronormativa*, falocêntrica e reprodutivista é a tônica, gerando e propagando binarismos e exclusões, o que deve ser constantemente criticado. Encontra-se nessas políticas, portanto, a estruturação de um “*Cis-tema Único de Saúde*”.

## **REFERÊNCIAS**

BRASIL. **LEI Nº 8.080, DE 19 DE SETEMBRO DE 1990.** Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Casa Civil, Subchefia de Assuntos Jurídicos.

BRASIL. **Política nacional de atenção integral à saúde da mulher:** princípios e diretrizes. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2004, pp. 82.

BRASIL. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem:** princípios e diretrizes. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas – Brasília: 2008, pp. 40.

BRASIL. **Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT).** Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Brasília: 1. ed., 1. reimp., 2013, pp. 36.

CARRARA, Sérgio; RUSSO, Jane A.; FARO, Livi. A política de atenção à saúde do homem no Brasil: os paradoxos da medicalização do corpo masculino. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 659-678, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005, 1ª edição, 4ª tiragem.

MARTINS, Alberto MESAQUE; MALAMUT, Bernardo Salles. Análise do discurso da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem. **Saúde Soc.** São Paulo, v.22, n.2, p.429-440, 2013.

MEDEIROS, Patricia Flores de; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. Políticas públicas de saúde da mulher: a integralidade em questão. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 31-48, Apr. 2009. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2009000100003>.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 150-182.

SOUZA, Celina. Políticas públicas: questões temáticas e de pesquisa. **Caderno CRH**, Salvador. Vol. 16, nº 39, p. 11-24.

SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 1ª ed. 2017.

## *CAPÍTULO 9*

### **“NÃO CURTO BICHINHAS”: INTERDIÇÕES ÀS MASCULINIDADES AFEMINADAS NO APLICATIVO DE RELACIONAMENTO *GRINDR***

MONTEIRO, Nai  
Mestranda PROGEL / UFRPE  
nailsonmo@gmail.com

**RESUMO:** Propus-me a investigar, nesta pesquisa qualitativa e etnográfica, discursos sobre masculinidades dissidentes no aplicativo de relacionamento *Grindr*, observando o processo de referenciação de perfis, coletados entre os anos de 2018 e 2020, que falam sobre bichas e gays afeminados. Serviram-me de aporte teórico autorxs como Butler (2016), Van Dijk (2015), Kimmel (2016) e Koch e Elias (2016). Em termos de resultados, pude observar que referentes como “bichinha” e “afetado” são constituídos de modo a subalternizar gays afeminados cuja masculinidade é deslegitimada e classificada como “falsa” ou “insuficiente” por se aproximar de uma performance lida como feminina. Já a masculinidade daqueles concebidos como “machos”, tida como adequada, ocupa o lugar de hegemonia e atua com vistas à manutenção da heteronormatividade. Proponho, então, uma mudança de percepção quanto ao gênero: é preciso superar sua verticalização, que produz hierarquias, dando lugar à horizontalização. O intuito não deve ser classificar performances como válidas ou inválidas, mas considerá-las como possibilidades de existências generificadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Grindr; Discurso; Referenciação; Masculinidades dissidentes.

**ABSTRACT:** In this qualitative and ethnographic research, I proposed to investigate discourses on dissident masculinities in the Grindr relationship app, observing the process of referencing profiles, collected between the years 2018 and 2020, that talk about queers and effeminate gays. Authors such as Butler (2016), Van Dijk (2015), Kimmel (2016) and Koch and Elias (2016) served me as theoretical support. In terms of results, I could observe that referents such as “faggots” and “affected” are constituted in order to subordinate effeminate gays whose masculinity is delegitimized and classified as “false” or “insufficient”, because they approach a performance read as feminine. The masculinity of those conceived as “male” is considered adequate, occupying the place of hegemony and acting with a view to maintaining heteronormativity. Therefore, I propose a change in the perception of gender: it is necessary to

overcome its verticalization, which produces hierarchies, giving way to horizontalization. The intention should not be to classify performances as valid or global, but consider them as possibilities of gendered existence.

**KEYWORDS:** Grindr; Discourse; Referencing; Dissenting masculinities.

## ***INTRODUÇÃO***

Nos últimos anos, é possível acompanhar o crescimento de aplicativos de relacionamento e, conseqüentemente, de usuários interessados em encontrar parceiros, sejam eles afetivos e/ou sexuais. Vem ganhando destaque mundial o Grindr, um aplicativo que funciona por geolocalização, ou seja, permite que o usuário veja quais pessoas estão ativas/disponíveis nas proximidades de sua região, além de ser voltado a homens gays, bissexuais e pansexuais.

Para mais, por ser usuária do Grindr há 5 anos, observo como os perfis indicam as preferências na busca por parceiros. Descrições como “não sou nem curto afeminados” e “procuro macho de verdade” são cada vez mais recorrentes e acabam por representar discursivamente masculinidades dissidentes (desviantes das normas). Diante disso, a presente pesquisa, recorte da minha dissertação de mestrado que está em produção, tem por objetivo observar o processo de referenciação de perfis que tratam de masculinidades dissidentes no Grindr.

Em termos metodológicos, proponho-me a realizar uma pesquisa interpretativa, descritiva e qualitativa. Vale ratificar a dimensão etnográfica do estudo, uma vez que ele nasce a partir da minha experiência enquanto usuária do aplicativo. A etnografia exige, da pessoa pesquisadora, que se torne “parte da situação observada, interagindo por longos períodos com os sujeitos, buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação” (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1999, p. 166). Além disso, o *corpus* do estudo é constituído por prints de perfis do Grindr, coletados entre os anos de 2018 e 2020, que falam sobre bichas e gays afeminados. Serviram-me de aporte teórico autorxs<sup>6</sup> como Judith Butler (2016), Teun Van Dijk (2015), Michael Kimmel (2016) e Ingedore Koch e Vanda Maria Elias (2016).

## ***1 (DES) CONSTRUINDO O CONCEITO DE MASCULINIDADE***

É importante compreender, a princípio, qual conceito de masculinidade serve como um parâmetro a ser seguido. Segundo Kimmel (2016, p. 105), o ideal de homem é construído ao passo que “igualamos a masculinidade com o ser forte, vencedor, capaz,

---

<sup>6</sup> Utilizo a linguagem não-binária — ‘x’ para substituir vogais temáticas e desinências de gênero como ‘o’ e ‘a’ —, mas sem deixar de lado marcações de masculino e feminino.

confiável, e em controle”. Apesar disso, vale salientar que a masculinidade hegemônica é construída “sem que ao menos um homem real consiga praticá-la integralmente ou apenas uma minoria o faça” (MARQUES, 2016, p. 59). É evidente que a masculinidade hegemônica não passa de uma utopia que apesar de inatingível – ninguém é viril e performa uma masculinidade prototípica em tempo integral, cria armadilhas para todos que ousam viver para além do que é estabelecido como norma.

É necessário considerar, diante das problemáticas ligadas à perspectiva hegemônica de masculinidade, um conceito mais flexível e amplo:

A masculinidade não é nem estática, nem atemporal; é *histórica*. A masculinidade não é uma manifestação de uma essência interna; é *construída socialmente*. A masculinidade não surge na nossa consciência através de nossa constituição biológica; mas é *criada pela cultura*. [...] Podemos saber o que significa ser um homem em nossa cultura estabelecendo definições em oposição aos grupos considerados como os outros – as minorias raciais, as minorias sexuais e, sobretudo, as mulheres (KIMMEL, 2016, p. 99, grifos meus).

O autor expõe as nuances histórica, social e cultural que perpassam a construção da masculinidade, opondo-se à lógica de

algo inato e biológico, a fim de concebê-la como uma performance situada e constantemente (re)criada. Adiciono ao conceito um fator importante e pouco discutido na literatura sobre o tema: a masculinidade é uma possibilidade de performance que não está obrigatoriamente ligada a ser homem. É possível considerar, por exemplo, as masculinidades de lésbicas tidas como “caminhoneiras” ou “bofinhos”<sup>7</sup> e de drag kings<sup>8</sup>. Em ambos os casos existem performances masculinas sem que as pessoas envolvidas sejam homens.

## ***2 HETERONORMATIVIDADE E INTELIGIBILIDADE DE GÊNERO: ARMADILHAS CONTRA AS DISSIDÊNCIAS***

A *Heteronormatividade* – fundamentada na racionalidade platônica e atuante por meio de binaridades e antagonismos, funciona como um regime político de dominação que administra e controla os corpos dentro da biopolítica. Ou seja, incide sobre todos os aspectos da vida humana e sobre as (im)possibilidades de viver

---

<sup>7</sup> As expressões *caminhoneira* e *bofinho* são utilizadas para fazer menção à lésbicas lidas como masculinas. Tal ocorrência pode ser depreciativa ou valorativa positiva, a depender do contexto no qual se insere.

<sup>8</sup> Mulheres que se utilizam da arte para encenar masculinidade de uma maneira estereotipada. Equivale, de maneira oposta, aos homens que fazem drag queen.

humanamente, além de ser responsável por instituir quais existências são válidas, e quais, inválidas.

A heteronormatividade, estruturada a partir de normatizações e regulações, age como uma armadilha contra a dissidência por julgá-la inadequada e, em certa medida, uma ameaça contra a padronização que se pretende criar. Remanescências do discurso heteronormativo se fazem presentes no Grindr e acabam por legitimar algumas masculinidades e subjugar as que se desviam do parâmetro de normalidade.

Outra noção importante é a de *Inteligibilidade de gênero*. Ela pode ser compreendida, inicialmente, como a coerência que se espera entre sexo/gênero/desejo-prática sexual. Nesse sentido:

A matriz cultural por meio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de “identidade” não possam “existir” – isto é, aqueles em que o gênero não decorre do sexo e aqueles em que as práticas do desejo não “decorrem” nem do “sexo” nem do “gênero” (BUTLER, 2016, p. 44).

O argumento apresentado endossa a ideia de que a inteligibilidade de gênero só pode existir por meio de uma relação de outridade com a ininteligibilidade de gênero – lugar das vivências que se afastam da coerência pretendida. Em outras

palavras, determinadas existências só podem ser lidas como adequadas quando outras forem percebidas como inadequadas (MONTEIRO, 2021). Sendo assim, duas conclusões são possíveis: 1) a inteligibilidade de gênero é discursivamente construída e negociada; 2) Todos os usuários do Grindr são dissidentes quanto à sexualidade, pois são homens que se relacionam com outros homens, porém os que se intitulam “macho” buscam afirmar a sua utópica “inteligibilidade” ao passo que negam a masculinidade de corpos<sup>9</sup> bichas.

#### 4 ANÁLISE DE DADOS

Apresentarei, a seguir, alguns prints de perfis do Grindr que fazem parte do *corpus* desta pesquisa, a fim de observar o processo de referência no qual se fazem presentes discursos sobre masculinidades dissidentes, em especial sobre bichas e gays afeminadas.

##### **Figura 1** – Perfil “Leia por favor”

---

<sup>9</sup> O ‘o’ de corpo não é uma desinência de gênero, mas sim uma vogal temática que não necessita mudar para formar masculino. Apesar disso, utilizo *corpa* como modo de demarcar a existência de pessoas trans, travestis, não-binárias e todas aquelas que reivindicam para si o feminino. Tal uso reflete uma crítica à perspectiva cis-masculinista-colonial que sugere o masculino como aquilo que abarca qualquer vivência. Para maior entendimento ver Melo (2021).



Fonte: acervo pessoal.

Rede referencial de “afeminado”:

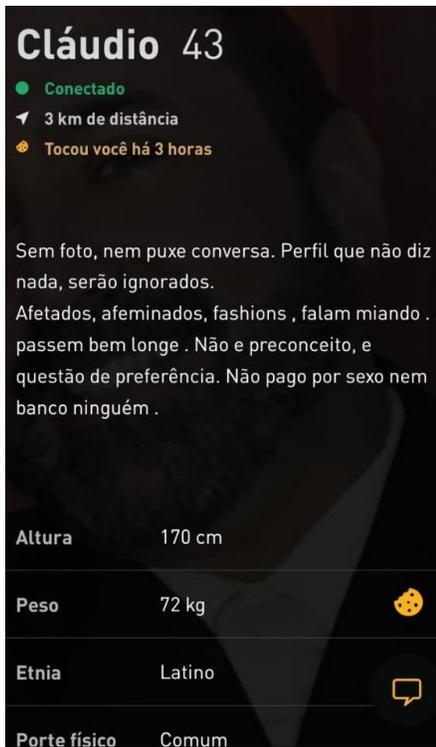
*Bichinhas → Voz de Pablo Vittar → Cabelinhos alisados → Sobrancelhas feitas.*

De acordo com Koch e Elias (2016, p. 86), ao passo em que produzimos um texto, “elegemos inicialmente um assunto ou referente (aquilo de que se vai tratar), ao qual se vão acrescentando as informações desejadas. À criação de um tema ou a sua retomada, dá-se o nome de referenciação”. Assim, o referente ou objeto de discurso é aquilo sobre o que se fala e as retomadas a ele são conhecidas como expressões referenciais.

Compreendido o conceito de referenciação, é possível retomar o exemplo da figura 1 em que o referente “afeminado”, apesar de não estar explicitamente presente, é sobre quem se fala. Já os seus elementos de retomada, como “bichinhas”, funcionam como expressões referenciais. Para Koch (2004, p. 244), os objetos do discurso são dinâmicos e podem ser alterados, a depender de como são retomados, podendo ser “transformados, recategorizados, desativados e reativados”.

Além disso, a expressão referencial “Voz de Pablo Vittar” é uma recategorização, “fenômeno responsável por ressignificar o referente, ou seja, o referencia se afastando dos usos comuns ligados a ele” (MONTEIRO et al., 2018, p. 112). A ideia em “Voz de Pablo Vittar” pode estar ligada a uma voz anasalada, fina, suave e, para o dono do perfil analisado, funciona como um sinônimo perfeito de “afeminado”.

**Figura 2** – Perfil “Cláudio”.



Fonte: acervo pessoal

Rede referencial de “afeminado”:

*Afetado → Afeminado → Fashions → Falam miando.*

O processo de recategorização novamente acontece, aqui com o uso de “falam miando”, que se afasta de “afeminado” e transforma-o por utilizar como sinônimos *afeminado* e *falar miando*, no sentido de falar “fino”. Com base em Van Dijk (2015, p. 26), a seleção lexical é um aspecto importante a ser analisado, pois “essas operações são ‘estratégicas’”. Ou seja,

elas são on-line e provisórias, mas também são rápidas, orientadas para objetivos específicos, dependentes do contexto”. Daí a importância de analisar os modos de introdução e retomada dos objetos de discurso, pois neste movimento é possível observar implicações argumentativas que visam a construir versões, a partir da perspectiva de quem enuncia, a respeito daquilo que se fala.

Em ambos os perfis é evidente a violência imputada às masculinidades afeminadas, no sentido de desqualificá-las como se fossem falsas. Portanto, “as mesmas definições de masculinidade que desenvolvemos em nossa cultura mantêm o poder que alguns homens possuem sobre outros homens e que os homens possuem sobre as mulheres” (KIMMEL, 2016, p. 105).

## ***CONSIDERAÇÕES FINAIS***

Foi possível observar que os referentes como “bichinha” e “afetado” são constituídos de modo a subalternizar gays afeminados, cuja masculinidade é tida como “falsa” ou “insuficiente” por se aproximar de uma performance lida como feminina. Por outro lado, a masculinidade daqueles concebidos como “machos” é tida como adequada, ocupa o

lugar de hegemonia e atua com vistas à manutenção da heteronormatividade.

Assim, é urgente ter um olhar crítico sobre as relações de poder instauradas por meio do gênero, do sexo e da sexualidade, uma vez que possibilitam observar os abusos e violências direcionadas às pessoas que residem nas margens. É preciso superar a verticalização, que produz hierarquias, dando lugar à horizontalização de gênero, sem o intuito de classificar performances como válidas ou inválidas, mas considerá-las como possibilidades de existências generificadas.

## ***REFERÊNCIAS***

ALVES-MAZZOTTI, Alda; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O Método Nas Ciências Naturais e Sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1999.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. **Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação**. 330 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

KIMMEL, Michael. Masculinidade como homofobia: medo, vergonha e silêncio na construção de identidade de gênero. **Equatorial**, v. 03 | n. 04 | 2016 | p. 97-124.

KOCH, Ingedore. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial. In: NEGRI, Lígia; FOLTRAN, Maria; OLIVEIRA, Roberta. **Sentido e significação em torno da obra de Rodolfo Ilari**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 244-262.

KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda Maria. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

MARQUES, Matheus. **Homofobia e referenciação**: um estudo de caso. 197 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

MELO, Iran. Todes: O que pode a linguagem não-binária? Diadorim, 25 mai. 2021. Disponível em: <https://www.adiadorim.org/post/o-que-pode-a-linguagem-nao-binaria>. Acesso em 18 de jun. 2021.

MONTEIRO, Nai. **Heteronormatividade, pegação e espaços digitais**. Disponível em: [https://www.instagram.com/tv/CHc\\_tAVqe52/?utm\\_medium=copy\\_link](https://www.instagram.com/tv/CHc_tAVqe52/?utm_medium=copy_link). Acesso em 18 de jun. 2021.

MONTEIRO, Nai; MENDONÇA, Graziella; CORTEZ, Suzana. Análise do processo de referenciação de textos que abordam a “ideologia de gênero”. In: **Anais da V semana de letras da UFPE**. Recife: Editora UFPE, 2018. pp. 109-115.

VAN DIJK, Teun. Discurso e cognição na sociedade. **Revista Portuguesa de Humanidades** | Estudos Linguísticos, 191 (2015), p. 19-52.

## *CAPÍTULO 10*

# A PROSTITUIÇÃO E SUA CONSTRUÇÃO AO LONGO DA HISTÓRIA

CAVALCANTI, Roberta  
Mestranda do Programa em Estudos da Linguagem –  
amarela.cavalcanti@gmail.com UFRPE

KOREY, Paula  
Mestranda do Programa em Estudos da Linguagem –  
UFRPE  
paula.korey@gmail.com

AZEVEDO, Natanael Duarte de  
Doutor em Letras pela UFPB e professor permanente do  
PROGEL pela Universidade Federal Rural de Pernambuco –  
UFRPE  
natanael.azevedo@ufrpe.br

**RESUMO:** A forma preconceituosa como a sociedade enxerga a prostituição e as rígidas formas de condutas sobre a sexualidade das mulheres são assuntos que merecem ser debatidos e discutidos, a fim de repensarmos e desconstruirmos como a sociedade vê essas profissionais. Assim, o presente texto apresenta como proposta analisar o percurso histórico da prostituição, uma vez que o moralismo que cerca essa profissão ainda não permite entendê-la e analisá-la enquanto ofício legítimo. Abordaremos o percurso histórico da prostituição, a fim de traçar a construção dos estereótipos de uma mulher respeitada e pública e o controle da sexualidade da mulher. Ademais, almejamos analisar como a prostituição se encontra atualmente no Brasil, discutindo a luta,

por coletivos feministas de trabalhadoras sexuais de Belo Horizonte, pela regulamentação da profissão e garantia de direitos trabalhistas. Para a realização desse trabalho, tomaremos como referencial teórico Silvia Federici (2017), Rebecca Solnit (2016), Amara Moira (2018) e Monique Prada (2018).

**PALAVRAS-CHAVE:** Prostituição; Feminismo; Trabalhadoras Sexuais.

**ABSTRACT:** The prejudiced way that society sees prostitution and the rigid forms of conduct on women's sexuality are matters that deserve to be debated and discussed, in order to rethink and deconstruct how society sees these professionals. Thus, this article proposes to analyze the historical course of prostitution, since the morality surrounding this profession does not yet allow us to understand and analyze it as a legitimate craft. We will approach the historical course of prostitution, in order to trace the construction of stereotypes of a respected and public woman and the control of women's sexuality. Furthermore, we aim to analyze how prostitution is currently found in Brazil, discussing the struggle for feminist groups of sex workers in Belo Horizonte, for the regulation of the profession and guarantee of labor rights. To carry out this work, we will take as theoretical reference Silvia Federici (2017), Rebecca Solnit (2016), Amara Moira (2018) and Monique Prada (2018).

**KEYWORDS:** Prostitution; Feminism; Sex workers.

## ***INTRODUÇÃO***

A prostituição, popularmente conhecida como a profissão mais antiga do mundo, ainda é um tabu grande a ser debatido e discutido em sociedades ocidentalizadas, como é o

caso da nossa. De acordo com Monique Prada, trabalhadora sexual e militante putafemista, “a prostituição, junto com o matrimônio, é uma das instituições mais sólidas da sociedade patriarcal” (2018, p. 44).

Neste artigo, tomamos como objetivo geral traçar o caminhar que a prostituição percorreu ao longo dos tempos, sempre cercado de altos e baixos. Para tal, usaremos como principal referencial teórico Silvia Federici (2017) para entendermos como a relação da prostituição se dá a partir da sexualização do corpo feminino, Rebecca Solnit (2016), para compreendermos como a relação do corpo feminino e do caminhar foi, num determinado período histórico, associado à prostituição.

Sobre o putafeminismo, adotamos Amara Moira (2018), transfeminista e ex-puta, e Monique Prada (2018), ex-trabalhadora sexual e putafeminista. Utilizaremos outras formas de propagar comunicação e conhecimento, como é o caso da live com Santuzza Souza, trabalhadora sexual, coordenadora do coletivo Rebu e Vice-presidenta da CUTS.

## ***1 PERCURSO HISTÓRICO***

Rebecca Solnit (2016), ao discorrer sobre a história do caminhar e relacioná-la ao gênero, relata que o ato de

caminhar, na Inglaterra de 1870, fazia parte do ritual de cortejar, ou seja, as mulheres caminhavam ao lado dos seus pretendentes, como um rito de receber a corte daquele homem que poderia vir a desposá-la:

Caminhar já era uma parte do ritual de corte havia muito tempo. Era gratuito. Dava aos enamorados um espaço semiparticular no qual cortejar, fosse um parque, numa plaza, num bulevar, ou num caminho pouco frequentado. (...) E na Grã-Bretanha a expressão equivalente a “sair para caminhar juntos”, walking out together, por vezes significava algo explicitamente sexual, mas em geral indicava que uma relação continuada fora estabelecida, semelhante à expressão norte-americana going steady, ou namorar firme (SOLNIT, 2016, p.385).

Essa relação do corpo feminino com o caminhar é extremamente relevante para entender como a prostituição foi construída ao longo do tempo. A mulher que fosse vista caminhando sozinha na rua, em determinados locais e em determinadas horas, sofria sanções que iam além de ficar mal falada e não conseguir um marido, ela era presa sob acusação de prostituição e, para poder provar sua inocência, tinha que se submeter a um exame médico agressivo, nomeado “estupro clínico”, que, em alguns casos, comprovava a virgindade,

mediante toque violento. Naquele momento, a mulher era agredida fisicamente e “perdia a virgindade” em pleno ato de comprovação que ainda era virgem e que, portanto, estava livre da acusação de prostituição por andar sozinha à noite (SOLNIT, 2016).

A mulher que ousava sair sozinha à rua era taxada de prostituta e, com isso, as mulheres tendiam a ficar reclusas em suas casas, passando para o domínio do privado as mulheres consideradas “respeitadas”, as esposas, e no domínio público as prostitutas, independente se eram ou não trabalhadoras sexuais. Nesse contexto, a construção de um estereótipo de uma mulher respeitada e pública não existe, tornando o espaço público dos homens, visto que são eles que estão, em imensa maioria, na política, na administração pública, nos espaços de poder e de tomada de decisão da sociedade, enquanto as mulheres ficam reservadas ao âmbito privado, de dentro da casa.

A partir do momento em que a sexualidade feminina passa a ser uma questão pública, surgem duas categorias de mulheres: as de casa, reclusas, preço que pagavam para serem respeitadas socialmente; e as da rua, cujos corpos eram, e ainda continuam sendo, considerados públicos. O controle da

sexualidade feminina é justificado como meio de garantir a paternidade em famílias que são patrilineares.

Ao discorrer sobre como as mulheres lidavam com seus corpos, durante o final do século XV, Federici (2017) afirma que, após a grande crise demográfica, em decorrência das mortes causadas pela peste negra, o controle da natalidade exercido pelas mulheres passou a ser considerado crime reprodutivo, assim como a sodomia, o aborto e o infanticídio, uma vez que elas precisavam procriar para repovoar a sociedade, sobretudo a classe trabalhadora, tão devastada por conta da pandemia. É nesse momento também que a igreja passa a condenar, pela primeira vez, os homossexuais e o chamado *sexo não procriador*, fato importante para entender que os dogmas religiosos nem sempre são criados e elaborados com base em ensinamentos de dentro da religião, uma parte significativa deles, como é o caso da condenação da prostituição e da homossexualidade, é fruto de fatores externos que são incorporados e adotados como doutrinas.

## ***2 A PROSTITUIÇÃO NO BRASIL ATUAL***

A construção da prostituta como a mulher do âmbito público é tão relevante que deixa marcas até a contemporaneidade, de forma que a sociedade se vê capaz de

julgar se uma mulher é puta ou não tomando como ponto de partida as ruas pelas quais ela anda “Para que uma mulher seja suspeita de prostituição basta que se vista de determinado modo (qual?), caminhe por certas ruas e more em determinados bairros” (PRADA, 2018, p. 56).

Amara Moira (2018), ao falar dos riscos que aquelas que exercem a profissão, seja por escolha ou por necessidade, sofrem, afirma que muito da marginalização que ainda permeia a prostituição é fruto de um moralismo radical. A ideia de que mulheres podem vender sexo e que o prazer pode ser negociado ainda é um tabu. As pessoas aceitam a ideia de trabalhadoras serem exploradas por patrões capitalistas e de terem péssimas condições de trabalho em empregos formais, mas viver da venda do sexo é inaceitável para essa sociedade que se apega à moral e aos bons costumes. Essa negativa de determinados grupos sociais é o que colabora para a manutenção dessas trabalhadoras na marginalidade, o que acarreta na exploração e na violência que algumas dessas mulheres sofrem.

Hoje, no Brasil, coletivos de prostitutas, como o Coletivo Rebu de Minas Gerais, que faz parte da RedTraSex (Red de Mujeres Trabajadoras Sexuales de Latinoamérica y Caribe), defendem que é preciso desmistificar esse local onde a

prostituta se encontra. Algumas estão nessa profissão por desejo e por escolha e não por uma condição de marginalização que as empurrou para essa vida. Santuzza Souza, trabalhadora sexual, diretora do Coletivo Rebu e representante do Brasil na RedTraSex, durante live com a ativista trans Mari Valentim na plataforma Instagram, em 19/08/20, ao falar sobre a regulamentação da profissão de prostituta, afirma que as profissionais só têm a ganhar porque, pelo fato da profissão não ser regulamentada, as prostitutas ficam à mercê da exploração dos donos de bares, hotéis, prostíbulos, casas de massagem e dos cafetões que administram e exploram as mulheres que estão trabalhando nas ruas. Santuzza ainda afirma que a regularização proporciona uma maior segurança às trabalhadoras sexuais, seja pela garantia a direitos trabalhistas, seja pela segurança e integridade física, proporcionando um ambiente mais seguro e sadio para se trabalhar.

É interessante ressaltar que quando se fala de violência contra os corpos que se prostituem, geralmente usam-se duas figuras como os grandes responsáveis pelos abusos que as mulheres (cis, trans/travestis) sofrem ao exercerem essa função: uma é o cafetão, figura clássica que explora o trabalho dessas profissionais. Acontece que essa figura existe

exatamente porque a profissão não é regulamentada, o que permite a exploração. A outra figura também clássica é a do cliente, geralmente homem e também responsável pelas violências físicas pelas quais essas mulheres são acometidas.

Sobre o cliente, Monique Prada (2018) chama a atenção para algo interessante: o cliente é marido de alguém, filho de alguém, pai de alguém, colega de trabalho de alguém. Dessa forma, a preocupação não deve ser apenas para as prostitutas, mas para as esposas também, uma vez que essa categoria, enquanto mulher do âmbito privado, vive sob o mesmo teto que esse homem por um tempo maior que o de um programa:

O cliente está na mesa de todas as casas nos almoços de domingo. Se alguém tem razão de se preocupar conosco, prostitutas, que saímos com esses homens tão cruéis, suas esposas, presas a eles, têm ainda mais razão para se preocuparem. Nosso período é medido no relógio, o delas, não (PRADA, 2018, p. 47).

Ainda sobre o debate acerca da regulamentação dessa profissão, a forma preconceituosa e moralista que a sociedade enxerga a prostituição é um ponto a ser analisado. Amara Moira (2018), questiona porque a sociedade aceita mais facilmente uma mulher sair com vários homens “de graça”, mas se ela começar a cobrar, isso passa a ser uma questão.

Dessa forma, o problema não consiste em manter relações sexuais com vários parceiros, e sim cobrar por isso; logo, existe um tabu referente ao entendimento e aceitação de que o ato sexual pode ser um ofício, e que a sua prática pode ser um meio de sustento.

Neste ponto, é bastante importante esclarecermos que a prostituição não é o problema em questão, e sim o fato de que muitas mulheres (cis e trans), assim como as travestis, têm como único destino se prostituir. E, quando falamos de prostituição e a população T, a situação é ainda mais delicada, uma vez que a grande maioria delas é expulsa de casa logo cedo pelas suas famílias, e os acessos à escola e ao mercado de trabalho formal lhes são negados (PRADA, 2018). Dessa forma, é a negativa de oportunidades e acesso a outros ofícios, bem como o grande número de travestis que exercem essa função, o que deve ser debatido e repensado:

Prostituição não é crime no Brasil, poderia ser uma opção para muitas de nós, mas numa sociedade justa não podemos suportar que qualquer pessoa esteja nesta profissão enquanto destino compulsório, inicial e final de sua existência (YORK, BENEVIDES & OLIVEIRA, 2020, p. 9).

Entender que a prostituta não representa uma ameaça à família é crucial para o trabalho de desconstrução da forma ainda bastante preconceituosa como a sociedade enxerga essas profissionais, e que foi muito enraizada durante o regime militar. E o feminismo, por sua vez, precisa voltar os olhos para a causa das trabalhadoras sexuais, ouvi-las, entendê-las, deixando de lado a visão de salvamento que, muitas vezes, deslegitima suas pautas. Como diz Amara Moira, que o “não é não” das feministas cheguem às trabalhadoras sexuais e que essas mulheres possam ser respeitadas pelo seu ofício e não sejam obrigadas a terem seus corpos violados e violentados, utilizados como cinzeiros por seus clientes. Nas falas de Monique Prada (2018, p. 38), “O feminismo chegou ao puteiro sim e não foi graças às feministas conservadoras”.

## ***CONSIDERAÇÕES FINAIS***

O caminho que as mulheres percorreram ao longo dos séculos foi sempre marcado por pequenos ganhos e grandes perdas. Já possuíram os direitos sobre seus corpos, sobre o controle da natalidade, sobre sua sexualidade, mas também perderam muito. Perderam suas vidas queimadas como bruxas nas fogueiras, perderam o direito de caminhar

sozinhas, de terem seus corpos resguardados e protegidos pelo Estado, de exercerem a profissão que quisessem.

É importante que entendamos como a história possui uma relação direta com o estereótipo da mulher e, também, da prostituição. E esse imaginário popular em cima da prostituição ainda é muito forte, tanto que o debate sobre a regulamentação da profissão ainda esbarra, para além de uma moralidade, em um discurso, inclusive de grupos feministas, de que essas mulheres recorrem a essa profissão como forma de desespero e não por escolha.

Compreender a prostituição também como um caminho para pensar a sociedade e as desigualdades de poder, desmascarando os não-lugares que nela existem, e entender que são desses espaços exatamente que surgem as revoluções, o que Amara Moira (2018) chama de prostituição dos saberes, é de suma relevância para enxergamos esse ofício, bem como as pessoas que o exercem, de forma menos velada, preconceituosa e moralista.

Por fim, aproveitamos esse espaço para divulgar alguns grupos de trabalhadoras sexuais, além dos já citados, como o ICRSE (International Committee on the Rights of Sex Workers in Europe), o Tulipas do Cerrado (Rede de Redução de Danos e Profissionais do Sexo do Distrito Federal e Entorno), a

APROSMA (Associação das Profissionais do Sexo do Maranhão), entre outros, porque acreditamos que o debate sobre prostituição precisa e deve ser feito não apenas com a presença das prostitutas, mas sobretudo por e para elas.

## **REFERÊNCIAS**

CABRAL, Raíssa Éris Grimm. Abrindo os códigos do tesão: encantamentos de resistência entre o transfeminismo pós-pornográfico. **Tese de doutorado**. Florianópolis: UFSC, 2015.

DECLERQ, Marie. “Nós somos invisíveis”: trabalhadoras sexuais são afetadas pela pandemia. **UOL Notícias**: 29 mar de 2020. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/28/nos-somos-invisiveis-trabalhadoras-sexuais-afetadas-pelo-coronavirus.htm>>. Acesso em 21 ago 2020.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa – mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

MOIRA, Amara. **E se eu fosse puta**. São Paulo: Hoo Editora, 2018.

PRADA, Monique. **Putafeminista**. São Paulo: Veneta, 2018.

SILVA, Gabriela Natalia. As muitas faces da prostituição: uma abordagem histórica sobre o controle da sexualidade a partir de Foucault. **Divers@ Revista Eletrônica Interdisciplinar**. Matinhos, v.11, n.1, p.15-25, jan/jun, 2018.

SOLNIT, Rebecca. **A história do caminhar**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

SOUZA, Santuzza. Live: Papo com Santuzza Alves. **Instagram: Canal de Mari Valentim**, 2020. Disponível em: < <https://www.instagram.com/tv/CEFYcoLF5hI/>>. Acesso em 20 ago 2020.

YORK, Sara Wagner; OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes; BENEVIDES, Bruna. Manifestações textuais (insubmissas) travesti. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, 2020. vol 28, n 03, p. 1-12.

